



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ANA PAULA PEREIRA BRITO

**“GORDOFOBIA” NO ENSINO SUPERIOR: ESTUDO COM DISCENTES DA
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO**

MOSSORÓ - RN

2019

ANA PAULA PEREIRA BRITO

**“GORDOFOBIA” NO ENSINO SUPERIOR: ESTUDO COM DISCENTES DA
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO**

Monografia apresentada à Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com Habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros.

MOSSORÓ - RN

2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

B862" Brito, Ana Paula Pereira.
"Gordofobia" no ensino superior : estudo com
discentes da licenciatura interdisciplinar em
educação do Campo da Universidade Federal Rural do
Semi-Árido / Ana Paula Pereira Brito. - 2019.
57 f. : il.

Orientador: Emerson Augusto de Medeiros.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2019.

1. Gordofobia. 2. Ensino Superior. 3. Pessoas
sobrepeso. 4. Corpo. I. Medeiros, Emerson Augusto
de , orient. II. Título.

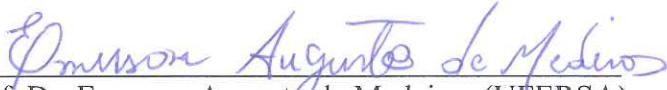
ANA PAULA PEREIRA BRITO

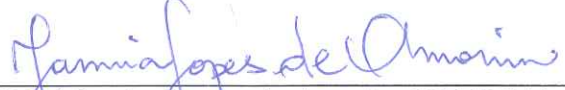
**“GORDOFOBIA” NO ENSINO SUPERIOR: ESTUDO COM DISCENTES DA
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO**

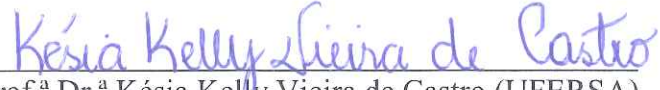
Monografia apresentada à Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com Habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Defendida em: 07 / 08 / 2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros (UFERSA)
Presidente (Orientador)


Prof.^a Dr.^a Jamira Lopes de Amorim (UFERSA)
Membro Examinador


Prof.^a Dr.^a Késia Kelly Vieira de Castro (UFERSA)
Membro Examinador

A Deus, pois sei que, se não fosse Ele, nada disso seria concretizado. O caminho foi árduo, mas Deus me fortaleceu em todas as circunstâncias.

A minha Mãe, Severina Brito (Nita), a qual foi minha maior incentivadora em todos os momentos. Foi por ela que prossegui para a conquista do diploma de Licenciada em Educação do Campo, com a habilitação em Ciências Humanas e Sociais. Sou muito grata, minha “Mamuska”!

AGRADECIMENTOS

*Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a
minha fortaleza, e nele confiarei!*

(Salmo 91:2)

Não me canso de agradecer a Deus, pois até aqui Ele tem me sustentado e me livrado de todo o mal, não desistindo de mim em nenhum momento. Obrigada Deus, por toda sua proteção e livramento no trajeto de Campo Grande – RN a Mossoró – RN, durante esses 5 anos de estudo, os quais foram essenciais para que eu obtivesse a conquista do Ensino Superior.

Agradeço a minha mãe, Severina Brito (Nita), por nunca ter desacreditado em sua filha. Muitas vezes, ela foi o maior incentivo para prosseguir nessa jornada tão sofrida. Foi por ela que não desisti, e foi por ela essa conquista. Sou grata infinitamente por todo amor e dedicação a mim. Obrigada por tudo, minha “Mamuska” amada.

Agradeço ao meu pai, Francisco Pereira de Freitas (Chicó, *in memoriam*), por ter sido um pai presente e exemplar, enquanto esteve aqui na terra. O senhor é uma referência de honestidade e humildade. Ao meu eterno pai, minha saudade, minha gratidão e meu amor. Hoje, descansa ao lado de Deus, mas sei que lá de cima, me protege e me abençoa sempre.

Agradeço infinitamente ao meu orientador, Professor Doutor Emerson Medeiros. Se não fosse pelas palavras de incentivo e toda atenção como “humano”, não teria conseguido. As palavras como docente, me fortaleceram a continuar. Não me canso de falar da importância que o mesmo teve neste momento, pois sei o quanto suas palavras de incentivo e motivação foram importantes desde o início do Curso. Uma coisa é certa: Deus coloca em seu caminho a pessoa que será essencial em todas as circunstâncias. Emerson foi “meu ser de LUZ”, tanto no papel da docência, como no papel de orientador, ao qual agradeço pela disponibilidade, pelo carinho, pela paciência e por todo apoio em todos os momentos. Serei grata para sempre.

Agradeço as minhas irmãs “PROFESSORAS”, Antônia Neta Pereira e Ângela Pereira. Nelas, pude me espelhar e seguir com a mesma profissão: a docência. Obrigada, manas por todas as palavras de superação e estímulo para continuar o Curso.

Agradeço ao meu companheiro, Orlando Maia, durante meu percurso teve toda compreensão e paciência. Muitas vezes saía de casa, na segunda-feira, especificamente, às 5h15min e retornava para casa na sexta-feira às 14h. Ele não mediu esforços para me ajudar financeiramente. Por muitas vezes, quando pensei em desistir e falava que estava cansada dessa rotina, ele sempre me surpreendeu com palavras de motivação: “falta pouco”, “você vai conseguir”, “está tão perto”, “de jeito nenhum você vai desistir agora”. Obrigada, por tudo!

Agradeço a Banca Examinadora, Professoras Doutoras Jamira Amorim e Késia Castro, pela disponibilidade em fazer parte da mesma. Suas contribuições foram essenciais. Serei sempre grata.

Agradeço aos/às docentes do Curso LEDOC/UFERSA por todo o aprendizado durante o percurso na Universidade, pelos quais construí respeito e admiração. Sinto muito pelas vezes que bati de frente com os mesmos, mas é o meu jeito! O importante é que ficou um legado e um aprendizado de cada docente que tive a oportunidade de conviver. Obrigada! Vocês foram importantes em meu cotidiano, levarei exemplos de cada uma/um.

Agradeço a minha turma 2014.2, do Curso LEDOC/UFERSA, que tem por nome “Professor Emerson Medeiros”, por todo carinho e afinidade que construímos durante esses 5 anos de convivência. De certa maneira, pude conviver bem mais com umas pessoas, do que com outras, mas o importante foi o respeito que sempre tivemos.

Agradeço, especialmente, às/aos discentes do Curso LEDOC/UFERSA que me ajudaram do início até o término, quais sejam: Jeciane Mendes, Tatiana Rocha, Eriane Bezerra, Paula Castro, Janaina Nascimento, Edna Saraiva, Gustavo Sousa, Arllis Magdália, Vanessa Cristina, Iddyja Rafaela, Maria Abreu, Eliane Oliveira, Thazia Lidia, Kezia Raquel, Alexandra Gondim, Tatiane Medeiros, Patrícia Maraisa, Silvia Torquato, Julimaria Freire, Maria Neithiele, Adeliara Silvério, Auxiliadora Lisboa, Kelyane Alexandre, Andreia Paula, Katia Lidiane, Atálo Silva, Francisco Bezerra, Talita Marques, Silvanete Silva, Eva Siqueira, Suzana Medeiros, Raissa Brilhante. Obrigada a vocês por toda ajuda diretamente e indiretamente.

Agradeço às discentes, participantes do estudo, que concordaram em contribuir na pesquisa monográfica, não medindo esforços em responder o questionário.

Agradeço a todas/os envolvidas/os pela disponibilidade em contribuir nos espaços, onde realizei os estágios.

Agradeço as “meninas” da limpeza do Bloco III, de Salas de Aula. Sentirei saudades.

Agradeço as minhas sobrinhas Brenda Fyamma e Ana Melissa, por me mostrarem a importância de estudar.

Agradeço aos motoristas Washington Teixeira, Bolinha (*In memoriam*), Júnior Quaresma, Toni Veras e Júnior Viana, por toda responsabilidade e compromisso no percurso de Campo Grande – RN à Universidade. Obrigada por toda paciência durante esses anos.

Agradeço ao conterrâneo e amigo Ranilson Saldanha pelas conversas durante nosso trajeto de Campo Grande – RN a Mossoró – RN.

Por fim, agradeço imensamente a todos e a todas que, diretamente e indiretamente, contribuíram na realização deste sonho: concluir o Curso LEDOC/UFERSA. Confesso que não foi fácil chegar até aqui, mas estou muito feliz por estar finalizando essa etapa de minha vida.

O dia em que inventarem uma Barbie gordinha, não haverá mais preconceito no mundo das bonecas.

Sandro Kretus

RESUMO

O presente estudo tem como tema central a “Gordofobia” no Ensino Superior. Toma como referência as experiências vividas por três discentes do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – LEDOC, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Em relação ao problema de pesquisa, definimos: como os discentes da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido vivenciam a “gordofobia” no Ensino Superior? No que toca ao objetivo geral da pesquisa, elencamos: pensar sobre como os discentes da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido vivenciam a “gordofobia” no Ensino Superior. Para concretizá-lo, organizamos os seguintes objetivos específicos: “identificar vivências que denotam o preconceito acerca de pessoas sobrepeso por discentes da LEDOC/UFERSA no Ensino Superior; “elucidar como os discentes da LEDOC/UFERSA resistem à “gordofobia” no Ensino Superior”; e “refletir, a partir de percepções de discentes da LEDOC/UFERSA, se a “gordofobia” influencia no percurso estudantil no Ensino Superior”. No que condiz à dimensão metodológica, esclarecemos que o estudo utiliza da abordagem qualitativa de investigação, se caracteriza como uma pesquisa exploratória e descritiva e faz uso do questionário composto por questões abertas como técnica de coleta de dados. Alertamos que, como sujeitos da pesquisa, participaram três discentes do Curso LEDOC/UFERSA. Concluímos que a “Gordofobia” no contexto investigado se efetua, entre outros, de forma silenciosa, ou seja, por meio de olhares (ou cochichos) promovidos entre os colegas de curso das discentes que participaram da investigação. Outra prática gordofóbica considerada pelas participantes da investigação condiz com a exclusão das mesmas em algumas atividades de caráter coletivo por estarem sobrepeso. Constatamos, ainda, que elas não reagem quando sofrem o preconceito. A forma de resistência que utilizam para superá-lo (o preconceito), na maioria das vezes (na nossa interpretação), é se afirmando como são e se aceitando. Também alertamos para a necessidade de se discutir a respeito do tema no currículo oficial do Curso LEDOC/UFERSA, uma vez que, segundo as participantes do estudo, não há discussões ao longo da formação quanto à “Gordofobia”. Sua inclusão como conteúdo curricular, contribuirá para a superação do preconceito.

Palavras-chave: Gordofobia. Ensino Superior. Pessoas Sobrepeso. Corpo.

ABSTRACT

The main theme of this study is "Gordophobia" in higher education. It takes as reference the experiences experienced by three students from the interdisciplinary undergraduate course in education of the field – LEDOC, from the Federal Rural University of the Semi-arid – UFERSA. As a research problem, we define: How do the students of the interdisciplinary degree in education of the field of the Federal Rural University of the Semi-arid experience "gordophobia" in higher education? Regarding the general objective of the research, we listed: To think about how the students of the interdisciplinary degree in education of the field of the Federal Rural University of the Semi-arid experience "gordophobia" in higher education. To accomplish this, we organize the following specific objectives: "To identify experiences that denote prejudice about overweight people by students of LEDOC/UFERSA in higher education;" Elucidating how the LEDOC/UFERSA students Resist "gordophobia" in Higher education "; and "to reflect, from the perceptions of students of LEDOC/UFERSA, whether" Gordophobia "influences the student pathway in higher education". Regarding the methodological dimension, we clarify that the study uses the qualitative research approach, is characterized as an exploratory and descriptive research and makes use of the questionnaire composed of open questions as a technique of data collection. We warned that, as subjects of the study, three students of the LEDOC/UFERSA course participated. We conclude that "Gordophobia" in the context investigated is carried out, among others, in a silent way, that is, by means of looks (or whispers) promoted among the students who participated in the investigation. Another gordophobic practice considered by the research participants is consistent with their exclusion in some activities of a collective nature because they are overweight. We also found that they do not react when they suffer prejudice. The form of resistance they use to overcome it (prejudice), most of the time, is the empowerment developed throughout life, from other experiences outside of education. We also warn of the need to discuss the theme in the official curriculum of the LEDOC/UFERSA course, since, according to the study participants, there are no discussions during the formation of "Gordophobia".

Keywords: Fatphobia. Higher Education. Overweight People. Body.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Definições do Corpo na História (História Antiga à Contemporaneidade).....	21
Figura 2	–	Termos Utilizados na Prática da “Gordofobia”.....	26
Figura 3	–	Elementos Metodológicos do Estudo.....	32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Projeção do Questionário e sua relação com os Objetivos do Estudo.....	35
----------	---	--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	“GORDOFOBIA”	16
2.1	O Corpo no decorrer da História – breves definições.....	16
2.2	“Gordofobia” – O que significa?.....	22
2.3	“Gordofobia” no Ensino Superior.....	27
3	METODOLOGIA	31
3.1	Abordagem Qualitativa.....	32
3.2	Tipo de Pesquisa – Exploratória e Descritiva.....	33
3.3	Questionário.....	35
3.4	Sujeitos da Pesquisa.....	37
4	“GORDOFOBIA” NO ENSINO SUPERIOR SOB A ÓPTICA DE DISCENTES DA LEDOC/UFERSA.....	39
4.1	Vivências Estudantis acerca da “Gordofobia” no Ensino Superior.....	39
4.2	Resistência à Gordofobia no Ensino Superior.....	42
4.3	Influência da “Gordofobia” no Percurso Estudantil no Ensino Superior	45
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	51
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.).....	53
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO.....	55

1 INTRODUÇÃO

O presente texto tem como intenção principal apresentar o estudo desenvolvido para a conclusão do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – LEDOC, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Como tema, destaca a “Gordofobia” no Ensino Superior.

A intenção de investigar este tema emergiu de nossa experiência de vida pessoal e estudantil. Como aluna do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, por vezes, presenciamos situações em que estar sobrepeso se configura como um limite para a continuidade dos estudos. Sem falar que, no âmbito social, há inúmeros obstáculos que impedem de convivemos e de exercermos nossa cidadania.

Postos esses aspectos, acreditamos que o estudo contribui para a ampliação das discussões sobre o tema “Gordofobia” na área de Educação. Mesmo delimitando o contexto em que desenvolvemos a pesquisa (o Ensino Superior), pensamos que as reflexões oriundas do trabalho de conclusão de curso poderão se estender para outras etapas do contexto educacional, tais como a Educação Básica. A realidade de alunos/as sobrepeso vem aumentando ao longo dos tempos no Brasil (BRASIL, 2018). Assim, a presente investigação soma, de algum modo, no âmbito dessa discussão.

Ditas essas palavras sobre o tema central do estudo, ressaltamos, como problema de pesquisa: **como os/as discentes da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido vivenciam a “gordofobia” no Ensino Superior?**

Em referência ao objetivo geral do estudo, pautamos: **pensar sobre como os discentes da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido vivenciam a “gordofobia” no Ensino Superior.**

Para concretizá-lo, organizamos três objetivos específicos, quais sejam: “identificar vivências que denotam o preconceito acerca de pessoas sobrepeso por discentes da LEDOC/UFERSA no Ensino Superior; “elucidar como os discentes da LEDOC/UFERSA resistem à “gordofobia” no Ensino Superior”; e “refletir, a partir de percepções de discentes da LEDOC/UFERSA, se a “gordofobia” influencia no percurso estudantil no Ensino Superior”.

Como forma de delimitar a pesquisa, optamos pelo estudo com três discentes do Curso LEDOC/UFERSA. A pesquisa se configura como qualitativa, do tipo descritiva e exploratória. Como técnica de coleta de dados, fizemos uso de um questionário composto por 10 (dez) questões abertas.

Lembramos que todos os procedimentos da pesquisa tiveram como base a Resolução do Conselho Nacional de Saúde - CNS, n. 510, de 07 de abril de 2016, a qual apresenta encaminhamentos a serem seguidos acerca de pesquisas com seres humanos. Esclarecemos que no estudo não foram divulgadas informações que atestem a identidade das participantes da pesquisa. Bem ainda, utilizamos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A).

Após esse breve registro introdutório (nominado de capítulo 1) acerca do trabalho de conclusão de curso, nos próximos capítulos discorreremos a respeito dos demais aspectos referentes à pesquisa, a saber: no capítulo 2, “Gordofobia”, dialogaremos sobre o referencial teórico que fundamenta nosso estudo. Nele, discutiremos o conceito de “Gordofobia”, bem como, adentraremos no diálogo acerca de temas que se endereçam para a mesma no estudo, tais como os temas “corpo” e “gordofobia no Ensino Superior”.

No capítulo 3, Metodologia, apresentaremos reflexões a respeito dos aspectos metodológicos da investigação. Dessa maneira, discorreremos sobre a abordagem da pesquisa (qualitativa), o tipo de investigação (exploratória e descritiva), a técnica de coleta de dados (questionário) que utilizamos no estudo, os sujeitos da pesquisa (três discentes da LEDOC/UFERSA), entre outros aspectos metodológicos.

No capítulo 4, “Gordofobia” no Ensino Superior sob a óptica de discentes da LEDOC/UFERSA, nos deteremos à análise e discussão dos resultados da investigação. Nesse sentido, o que os sujeitos da pesquisa atestaram no questionário utilizado na investigação como técnica de coleta de dados, será abordado, interpretado e analisado, neste momento do texto de cunho monográfico.

Por último, arrolaremos as considerações finais da investigação. Tal como fizemos nesta introdução do estudo, em breve linhas, discorreremos acerca dos aspectos conclusivos da investigação.

Esperamos que, de alguma maneira, cada capítulo desta investigação contribua com conhecimentos ao/à leitor/a deste texto. A pesquisa atestada neste trabalho foi produzida com muito esforço e dedicação. Desejamos uma excelente leitura.

2 “GORDOFOBIA”

Para este capítulo, apresentaremos considerações sobre o tema central da pesquisa – “Gordofobia”. Assim sendo, entendemos que outras temáticas também se vinculam à discussão, a saber: corpo e Ensino Superior.

No primeiro tópico, **“O Corpo no decorrer da História – breves definições”**, atestaremos considerações acerca do conceito de corpo. De modo cronológico, discutiremos algumas definições que se desdobraram ao longo da história humana a respeito do corpo. Para tanto, demarcamos a discussão entre o período da História Antiga ao momento atual (contemporaneidade). Antes de tudo, salientamos que o conceito de corpo sempre esteve associado ao tipo de sociedade existente em cada período histórico.

No segundo tópico, **“Gordofobia” – O que significa?”**, focaremos nossos diálogos acerca do tema do estudo. Assim, o conceito de “Gordofobia” será explanado à luz da literatura acadêmica. Ressaltamos que a discussão se encaminhará para a clarificação da “categoria” principal desta pesquisa. Discutir, na dimensão teórica, a “Gordofobia” contribui para a compreensão de nosso objeto de investigação.

O último tópico, **“Gordofobia” no Ensino Superior**, abordará o tema do estudo no contexto de sua realização – a Educação Superior. De modo breve, arrolaremos nossa experiência discente no Ensino Superior, ressaltando vivências com a “Gordofobia”. Como pesquisadores/as da área de Ciências Humanas, entendemos importante registrar nossa experiência, uma vez que, acima de tudo, somos sujeitos que constrói a história. O nosso objeto de pesquisa não se dissocia de nossa trajetória de vida.

2.1 O Corpo no decorrer da História – breves definições

O corpo ao longo da história perpassou por conceitos diversos, sobre o qual se construíram várias interpretações oriundas das relações sociais, onde serviam para atender certos interesses de classes sociais que dominavam a sociedade de cada época. A partir de agora, arrolaremos, brevemente, sobre a definição do “corpo” em alguns períodos históricos – história antiga, medieval, moderna e contemporânea. Vale salientar que os diversos conceitos acerca do “corpo” produziam entendimentos de sua imagem, ou seja, o corpo e a maneira dele se construir em cada período da história dependiam diretamente de cada sociedade e não de suas características biológicas.

Trazendo a discussão para o âmbito da história antiga, Jesus e Nascimento (2013, p. 02) afirmam:

Na era pré-socrática, os gregos idolatravam o corpo, sendo vislumbrado apenas pelo físico e pelo embelezamento, sendo que essa concepção perdeu força a partir das ideias de Sócrates que atribuía uma importância maior para a razão, sendo que o vigor físico passa a ficar em segundo plano.

O corpo na era pré-socrática, isto é, em momentos da história antiga era idolatrado pelos gregos principalmente na dimensão física, mas a partir das ideias de Sócrates essa percepção sobre ele perdeu força, passando a ficar em segundo plano. Com isso, o corpo na dimensão física deixa de ser idolatrado, ficando a razão com maior importância. Nesse período da civilização grega, o corpo masculino era o que tinha o domínio nos prazeres. A concepção de corpo perfeito estava mais centrada ao gênero masculino. Já o corpo feminino tinha que ser coberto, tanto em casa, como ao sair para a rua (JESUS; NASCIMENTO, 2013).

Com base em Jesus e Nascimento (2013), entendemos que no período da era pré-socrática, podemos definir o corpo grego como um corpo atlético, saudável e perfeito, sendo o mesmo notado como elemento glorioso e de interesse da civilização grega. Vale frisar que os gregos preferiam um corpo perfeito e belo, ao invés de pessoas com formação intelectual. No entanto, vemos que neste período histórico a definição do corpo associada à dimensão física perde força e se produz ao longo da história antiga como relacionada também a mente e não somente às questões biológicas, conforme mencionado.

Como é sabido, a história antiga foi o berço do nascimento do pensamento humano, especialmente, para as questões da mente, da consciência do sujeito e da vida social (JESUS; NASCIMENTO, 2013). Dito isto, acreditamos que a definição de corpo passou por mutações neste período histórico em virtude da mudança e da evolução do pensamento humano.

Em relação à Idade Média, podemos destacar uma diversidade de elementos que estão relacionados com o corpo, quais sejam: a igreja católica, a sexualidade, a prostituição e a homossexualidade.

Destacamos a igreja católica como a principal instância de controle social do período da Idade Média relacionando-a ao corpo, uma vez que nesta fase da história sua influência se exerceu em diversos domínios, ultrapassando as fronteiras da religião. A igreja católica orientava à população para que todos passassem a ter conhecimento sobre o pecado no ato sexual. Para a igreja católica, na Idade Média, tudo era visto como pecado. Neste contexto, o corpo tinha que ser puro e manter-se obediente a Deus. O corpo, no período da Idade Média, era visto como algo pecaminoso, onde existia controle da população com relação ao ato

sexual e ao que fosse feito a respeito do mesmo, em parâmetros físicos. Jesus e Nascimento (2013, p. 02), novamente, contribuem:

Na Idade Média, o corpo não era valorizado, acarretando a sua marginalização na sociedade vigente, pois sua finalidade era apenas o armazenamento da alma, ou seja, importava-se apenas com o espírito, a alma e não com os aspectos físicos. A alma era o centro.

O importante na Idade Média não era o corpo físico em si mesmo, mas o espírito e a alma que detinham valor social (JESUS; NASCIMENTO, 2013). Neste sentido, o corpo é visto com uma nova percepção. Anteriormente – História Antiga –, na maior parte, era definido por/pela beleza. Para a igreja católica, ele torna-se algo proibido. A definição sobre o corpo, influenciada pela igreja católica, se deu para a separação do corpo e da alma, cabia ao homem escolher entre maldição ou salvação. O homem que optasse pelo desejo do corpo, estaria sendo amaldiçoado, mas o homem que optasse pela obediência, conseguiria a salvação de sua alma. Esses aspectos são padrões que a igreja católica determinou para a família medieval.

Ainda sobre a discussão do corpo na idade medieval, podemos destacar outro aspecto importante da igreja católica, o qual se refere à prática do exorcismo que purifica o corpo expulsando o demônio ou espíritos malignos das pessoas que estavam em um estado de possessão. A cerimônia religiosa acontecia por intermédios de orações, rezas e conjuro. Para a igreja católica, a aparição do corpo santificado tinha significado simbólico, era uma forma de transmitir informação sobre a ida (espiritualidade) do corpo após a morte para as pessoas que aqui ficavam (SOUZA; SILVA; OLIVEIRA, 2014).

Relacionando o corpo à sexualidade, à prostituição e à homossexualidade, podemos frisar que no período da Idade Média, o corpo não era visto como algo abominável. O não significava algo fantasioso do corpo, onde a sexualidade podia levar o homem a cometer pecados. O sexo, no período da Idade Média, era permitido apenas pelo casal e no ato sexual. Segundo Souza, Silva e Oliveira (2014) só podia ser praticado (o sexo) apenas em uma posição, que era a posição do homem sobre a mulher. O casal que fosse visto cometendo a ousadia de técnicas (práticas sexuais), como a prática do sexo oral e anal ou outras posições, seria punido. Para a igreja católica, era como uma provocação à ira de Deus, como também, existia período de abstinência sexual com os dias sagrados e o período da gestação. Como podemos perceber, o corpo no âmbito da sexualidade também tinha limites, os quais eram demarcados pela igreja católica que buscava controlar as práticas sexuais dos sujeitos desse período histórico.

Em referência ao corpo e à prostituição na Idade Média, tal questão ganhou enfoque nos séculos XII e XIII. Em consequência das dificuldades econômicas das populações menos favorecidas socialmente, a prostituição foi uma profissão que se destacou. As mulheres vendiam o corpo pela sobrevivência. Por ser um período de dificuldades e de imobilidade social, a maioria das mulheres que vendiam o corpo era de classe pobre, sendo filhas de operários ou de sujeitos subalternos socialmente. A prática da prostituição ganhou ênfase também pelas exigências atribuídas por parte da igreja para o casamento. Sendo assim, muitos dos homens afastavam-se de suas relações sexuais com a esposa e buscavam nos prostíbulos coisas proibidas e prazerosas, as quais não eram desfrutadas em seu casamento (SOUZA; SILVA; OLIVEIRA, 2014).

Já no que toca ao corpo e sua associação com a homossexualidade, podemos destacar que no período medieval, a palavra “homossexual” era vinculada ao termo sodomia ou sodomita¹. Tais vocábulos também se relacionavam ao sexo anal masculino. Mais uma vez, como fora com outras questões, a igreja condenava e proibia quaisquer práticas sexuais direcionadas a esse sentido (SOUZA; SILVA; OLIVEIRA, 2014).

Em outra dimensão, salientamos que o corpo belo, na Idade Média, com relação à estética, não era tão atraente. As mulheres que tinham o corpo rechonchudo representavam saúde, vigor e eram concebidas como “boas reprodutoras de filhos/as” saudáveis. Para finalizar nossa discussão sobre a definição do corpo na Idade Média, ressaltamos, de acordo com o que explanamos neste tópico, que a igreja católica tinha domínio total acerca da representação do mesmo a nível social e cultural. Qualquer culto com relação ao corpo era rigorosamente proibido (SOUZA; SILVA; OLIVEIRA, 2014).

No contínuo da discussão sobre o corpo e suas definições ao longo da história, teceremos reflexões, a partir de agora, a respeito do mesmo na Idade Moderna. Com o surgimento da revolução industrial e francesa, as pessoas vivenciaram novas relações sociais ancoradas no desenvolvimento industrial e mercantil desse tempo histórico. Com esse feito, o culto ao corpo foi redimensionado. Para a sociedade moderna, a preocupação do corpo cresceu com relação ao consumo de cosméticos e definição de dietas, em virtude da busca do corpo perfeito. Podemos destacar que o corpo ganha mais espaço no domínio social, basicamente pelo processo de massificação das populações. Foi nesse marco histórico que surgiram jornais, entre outros recursos, objetivando a visibilidade do corpo (SUASSUNA *et al.*, 2005).

¹ Sodomia ou Sodomita se refere a prática do sexo anal, que na época medieval foi vista como um ato sexual anormal e que se associa à palavra homossexual.

Nas palavras de Suassuna et al. (2005), essa é a nova visão que o corpo assume na modernidade. Ele sai do determinismo imaterial para o determinismo biológico. Ditas essas considerações, afirmamos que foram criadas novas perspectivas de padrões referentes ao corpo. Os corpos belos fisicamente e a “boa aparência” ganham ênfase pelo poder midiático que nascia no período moderno.

Vemos, de forma geral, que o corpo se define em outra dimensão. A igreja católica enfraqueceu com relação à representação/dominação acerca do corpo e com isso emergem diferentes padrões relacionados ao físico. Outra questão da Idade Moderna é que o corpo surge e se redescobre por meio das obras de artes. As pinturas de Leonardo Da Vinci e Michelangelo são exemplos dessa afirmativa. Nas obras desses artistas, valorizam-se tanto o corpo como o trabalho artesão, permitindo a junção do estudo do corpo com o pensamento artístico e, de certa forma, científico.

No que confere ao corpo na Idade Contemporânea, isto é, nos dias atuais, percebemos que há regras e padrões de diferentes âmbitos (sociais, culturais, econômicos, políticos) em contextos (nações) diversos que somam para sua definição. Genericamente, nunca o culto ao corpo (belo) foi tão relevante como está sendo neste período histórico. Atualmente, um corpo bonito e perfeito é aquele que atende a massificação, quando está fora dos padrões da sociedade há uma discriminação. Isso reflete no endeusamento de estereótipos, segregando a diferença e a diversidade humana.

No entanto, também identificamos que há um movimento (de certa forma, guiado pelo poder midiático e pelo capitalismo) que define o corpo em outra vertente. Pessoas sobrepeso vêm conquistando seu espaço na sociedade, exemplo dessa afirmativa são as modelos *Plus size*, as quais conquistam espaços no mercado da moda mundialmente. O que constatamos é que essas modelos (*Plus size*) avançam fronteiras e quebram as barreiras do preconceito com a introdução de um novo modo de ver e fazer o corpo para a sociedade.

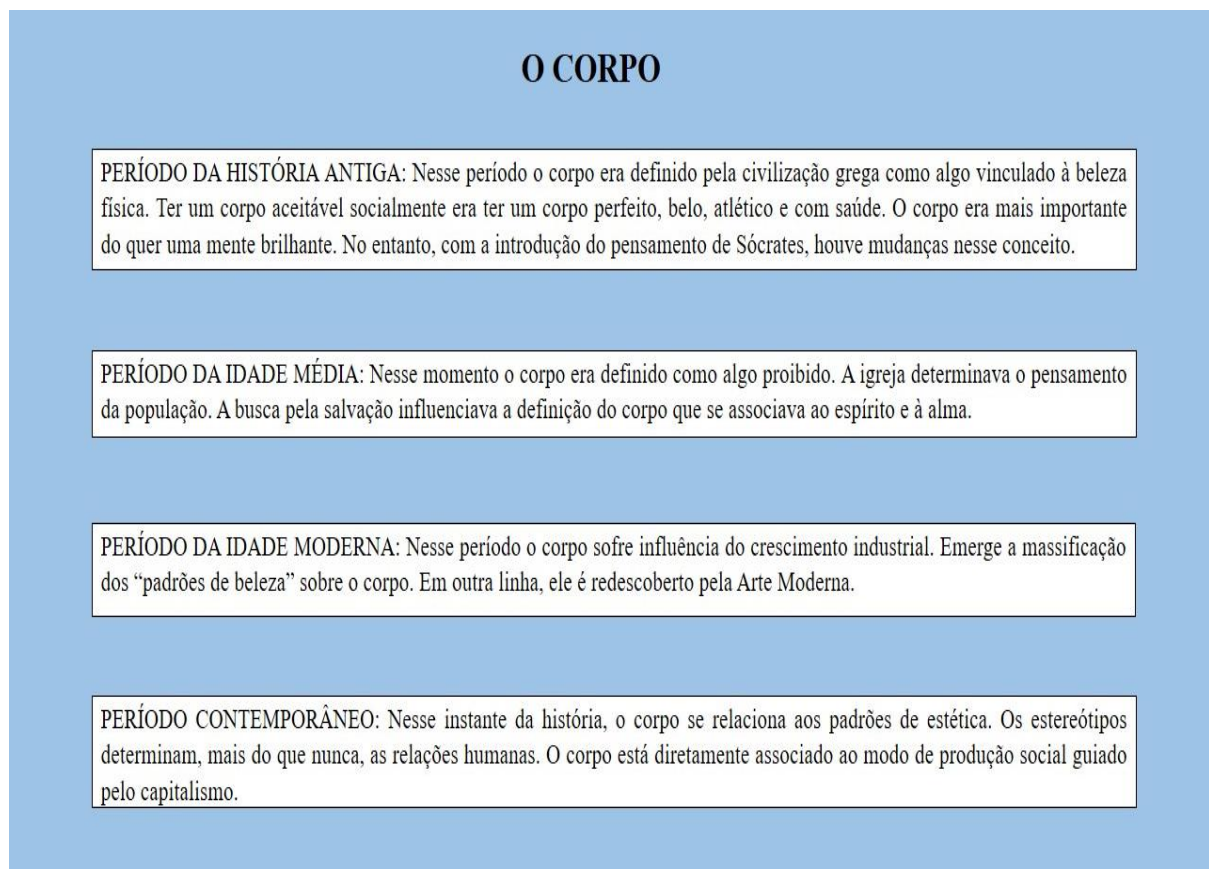
Segundo Berger (2010), o padrão de corpo definido pelas modelos *Plus size* defende a ideia de que o essencial é o sujeito sentir-se bem. Essa lógica se contraria à definição histórica que subentende o corpo ligado ao físico belo, formado por músculos endurecidos e rígidos ao olhar humano. Contudo, não podemos esquecer que se por uma vertente tem se construído um novo entendimento do corpo, por outra via afirmamos que no Brasil a busca pelo corpo perfeito também se apresenta em ascensão. Os tratamentos estéticos e hormonais, o crescente número de aberturas de academia, as cirurgias plásticas e o consumo de anabolizantes crescem a cada dia (NERY, 2017). Tudo isso, são exemplos de um padrão imposto socialmente que entende o corpo relacionando-o à estrutura física.

Finalizando nossa discussão acerca da definição do corpo ao longo da história (da História Antiga ao momento atual), avaliamos que o mesmo esteve/está condicionado à sociedade. As relações sociais são fundamentais para o estabelecimento do que é o corpo e de como este pode e deve ser exercido culturalmente. Freire (2011, p. 454) *apud* Betti (2014, p. 123) acrescenta considerações ao texto a respeito de como a “gordura”, a qual se associa ao corpo, esteve definida na história:

O passado [...] revela uma ‘história de gente gorda’, em que a gordura era sinônima de formosura, tornando-se base de sustentação para que a barriga [...] viesse a significar status e prosperidade. Na medida em que a ingesta gordurosa vai ‘acumulando’ adeptos, constata-se uma mudança gradativa no lugar social ocupado pelos gordos. A obesidade perde seu prestígio, inquestionável no passado. Houve um tempo em que era bom ser gordo, por mais distante que possa parecer aos sujeitos que vivem no século XXI.

Reafirmamos, com base na autora, que a definição do que é o corpo passou por flutuações. Desde a História Antiga à contemporaneidade há conceitos e entendimentos divergentes. Como forma de sintetizar e organizar nossa compreensão acerca da definição do corpo ao longo dos tempos, produzimos uma figura (Figura 1) para ilustrar nosso pensamento.

Figura 1 – Definições do Corpo na História (História Antiga à Contemporaneidade)



Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

Por mais que tenhamos destacado em outro momento, concluímos este tópico ressaltando que o corpo sempre esteve sob o domínio das relações sociais. Vinculado a essa característica, acrescentamos que se produziram diferentes ideais de sujeito. A busca pelo poder na História Antiga (principalmente por meio das guerras), o determinismo da igreja na Idade Média, a influência da produção em massa, da mídia e do capitalismo na Idade Moderna e na contemporaneidade ditaram e determinaram as definições de corpo construídas.

2.2 “Gordofobia” – O que significa?

Neste tópico, discutiremos sobre a temática “Gordofobia”, uma vez que ela é o tema e ao mesmo tempo o objeto central do estudo monográfico. Assim sendo, adentrando na discussão, o termo “Gordofobia” pode ser associado ao conceito relativo ao preconceito a pessoas gordas (sobrepeso) ou uma aversão à gordura (BRASIL, 2018). Frente a sociedade em que vivemos, reafirmamos que pessoas magras são mais aceitas, isso por ter um corpo padrão.

De acordo com Brasil (2018, p. 09),

[...] os desafios enfrentados por pessoas gordas estão em toda parte. Seja na hora de comprar uma roupa, escolher o lugar no transporte público, viajar de ônibus ou avião, passar pela catraca, sem falar nos comentários ofensivos, as piadinhas preconceituosas e as observações maldosas disfarçadas de preocupação. Tudo isso tem o nome de gordofobia, um termo utilizado para definir o preconceito por quem tem sobrepeso.

A partir da citação anterior, podemos afirmar o quanto a sociedade é preconceituosa com as pessoas acima do peso. Pelo que vemos, as pessoas sobrepeso são sujeitos que convivem constantemente com diversos tipos de preconceitos no âmbito social. Dito isto, trazendo o termo Gordofobia à discussão, arrolamos que ele está interligado ao convívio social das pessoas que são discriminadas por estarem sobrepeso. O mesmo ainda é um termo com pouco uso, mas pode ser substituído pela palavra gordo/a, no sentido pejorativo.

Segundo Nery (2017), a expressão Gordofobia e a temática tomaram força no Brasil em 2009, quando surgiu a personagem gorda “Perséfone”, interpretada pela atriz e comedianta Fabiana Karla, na novela “Amor à Vida”, da Rede Globo. O objetivo da personagem na trama era “perder a virgindade” já na faixa dos 30 anos. “Perséfone” tinha uma vida financeira e profissional estável, porém, para se manter incluída na sociedade e

conseguir um relacionamento amoroso, tinha o objetivo de emagrecer a todo custo, fazendo dietas que prejudicavam sua saúde e sua qualidade de vida².

A partir dessa personagem, o termo “Gordofobia” se popularizou, segundo Nery (2017). Em linhas explicativas, tal termo, conforme explicamos, está relacionado a pessoas gordas. Por a sociedade impor um padrão de beleza, em que o corpo tem que estar perfeito, os sujeitos que não se enquadram no padrão estabelecido sofrem preconceitos e são excluídos socialmente.

Vale pontuar que a “Gordofobia” é confundida com outros termos que se referem a pessoas sobrepeso, a exemplo do termo “obesidade”. Neste aspecto, apesar de serem vocábulos que se interligam ao corpo, possuem diferenças em seus significados. A obesidade refere-se a pessoas sedentárias, muitas vezes, com problemas de saúde, como exemplo da hipertensão, dos problemas cardíacos, entre outros. Já a Gordofobia, mais uma vez explicamos, que se refere a pessoas que sofrem preconceito diante da sociedade por estarem acima do peso (NERY, 2017).

Segundo Nery (2017), a gordofobia traz consequências severas ao ser humano, mencionamos, como exemplo, a dificuldade de socialização. As pessoas sobrepeso quando são vítimas de preconceitos começam a se sentir erradas e fora dos padrões. Em consequência, acabam se isolando.

Nery (2017) completa que, infelizmente, a gordofobia não está presente apenas nas redes sociais e nem é feita somente por desconhecidos. Muitas vezes, os próprios familiares contribuem para essa prática do preconceito quando obrigam seus/as filhos/as desde pequenos/as a fazerem dietas, bem ainda reproduzem frases do tipo: “você é muito bonita de rosto, mas deveria emagrecer para ficar mais bonita”. Entendemos que, assim como a educação pode vir de berço, ou seja, é construída na base familiar e no convívio social, o preconceito muitas vezes também é. Portanto, é necessário analisar as diversas práticas “gordofóbicas” e como os sujeitos sobrepeso lidam com esse problema.

A sociedade, de forma geral, visa muito as pessoas com o perfil magro/a. É esse perfil que se exalta, em termos de estética, nos diferentes lugares e contextos. O perfil de pessoas gordas/os, é visto, em realidades, como algo que se associa à deficiência por não se enquadrar aos estereótipos demarcados para os sujeitos.

² Com fundamento em Silva (2007), entendemos que essa temática (o preconceito a pessoas sobrepeso) surgiu no contexto acadêmico a partir das contribuições dos estudos curriculares de base crítica e pós-crítica na década de 1970, nos Estados Unidos.

É plausível destacar que a Gordofobia é um tema com pouca repercussão, apesar do índice de pessoas sobrepeso ter crescido nos últimos anos (BRASIL, 2018). Muitos sujeitos estão insatisfeitos com o corpo que têm, com isso o número de cirurgias bariátricas aumentou, bem como as mulheres estão recorrendo compulsivamente as possibilidades das técnicas de estética. Referenciando as mulheres neste instante, não podemos esquecer de dizer que os homens estão em busca de produtos anabolizantes, colocando a vida em risco, tudo por um objetivo: ter o corpo perfeito/malhado. Defendemos que a sociedade precisa respeitar e aceitar as pessoas conforme elas são e não julgar pela aparência física por estarem sobrepeso (BRASIL, 2018).

Em Brasil (2018), encontramos o relato do estudante Rafael Correa, 22 anos, o qual depõe que sente na pele o preconceito por estar acima do peso. Ele diz que os desafios enfrentados por pessoas gordas estão em toda parte, seja na hora de comprar uma roupa, seja no momento de escolher o lugar no transporte público, de viajar de ônibus ou avião, entre outros. Tudo isso tem o nome de “Gordofobia”, um termo utilizado, conforme já escrevemos, para definir o preconceito a quem está sobrepeso.

Em termos quantitativos, no Brasil, o índice de suicídio de pessoas acima do peso tem aumentado, devido ao preconceito que essas pessoas vivenciam em seu cotidiano. Muitas não suportam a pressão (psicológica e simbólica) e comentem o suicídio. Reforçamos que tal preconceito circula também e com muita intensidade por meio da mídia, das redes sociais, entre outros veículos de comunicação (NERY, 2017).

Para Nery (2017), ao mesmo tempo em que a internet pode ser um importante elemento para o empoderamento da mulher gorda, também é palco para frequentes agressões feitas por “gordofóbicos³”. Após ser divulgada a notícia que a Revista “Playboy” teria uma modelo acima do peso em sua edição, o perfil do “Facebook” do jornal “Estadão”, espaço que divulgou a notícia, ficou repleto de comentários que refletem o que chamamos justamente de “Gordofobia”.

Na continuidade deste tópico capitular, por fim, interligamos a discussão a outro tema que também se associa à Gordofobia. Tal tema confere ao “*Bullying*”. De antemão, frisamos que ambas as palavras (Gordofobia e *Bullying*) se aproximam porque se vinculam ao preconceito. Por vez, o preconceito pode ser conceituado como algo desfavorável ao sujeito ou a determinado grupo social. O preconceito a pessoas acima do peso, conforme relatamos,

³ O termo “Gordofóbicos” se refere às pessoas que praticam a Gordofobia, isto é, o preconceito a quem está sobrepeso.

inicia, em circunstâncias, dentro de casa, onde os próprios familiares utilizam diversos tipos de apelidos, minimizando a imagem do outro (NERY, 2017).

O significado da palavra “*Bullying*” está relacionado a forma de violência, física e/ou verbal, surgindo com frequência e de maneira repetitiva. Na maioria dos casos, as pessoas que sofrem *bullying* são humilhadas e maltratadas (NERY, 2017). Alertamos que há pessoas que sofrem *bullying* também por estar acima do peso, existindo casos de pessoas sobrepeso que vivenciam com frequência o *bullying*. Nery (2017) diz que um dos ambientes principais ao *bullying* a pessoas sobrepeso refere-se ao ambiente escolar. As crianças acima do peso, em realidades, são muito prejudicadas no contexto escolar.

Nery (2017) acrescenta que o *bullying*, de forma geral, também pode influenciar no desempenho das crianças na escola. Com isso, os danos podem se estender para a vida adulta. Muitas pessoas gordas que sofreram *bullying* na vida escolar preferem se esconder em casa para evitar olhares estranhos, não gostam de comprar roupas porque se sentem mal ao pedir os tamanhos necessários. Outro fato relatado é ter vergonha de ir a restaurantes, de comer em público porque se sentem vigiadas e julgadas. Esses fatos podem acarretar em depressão, crise do pânico ou crise de ansiedade.

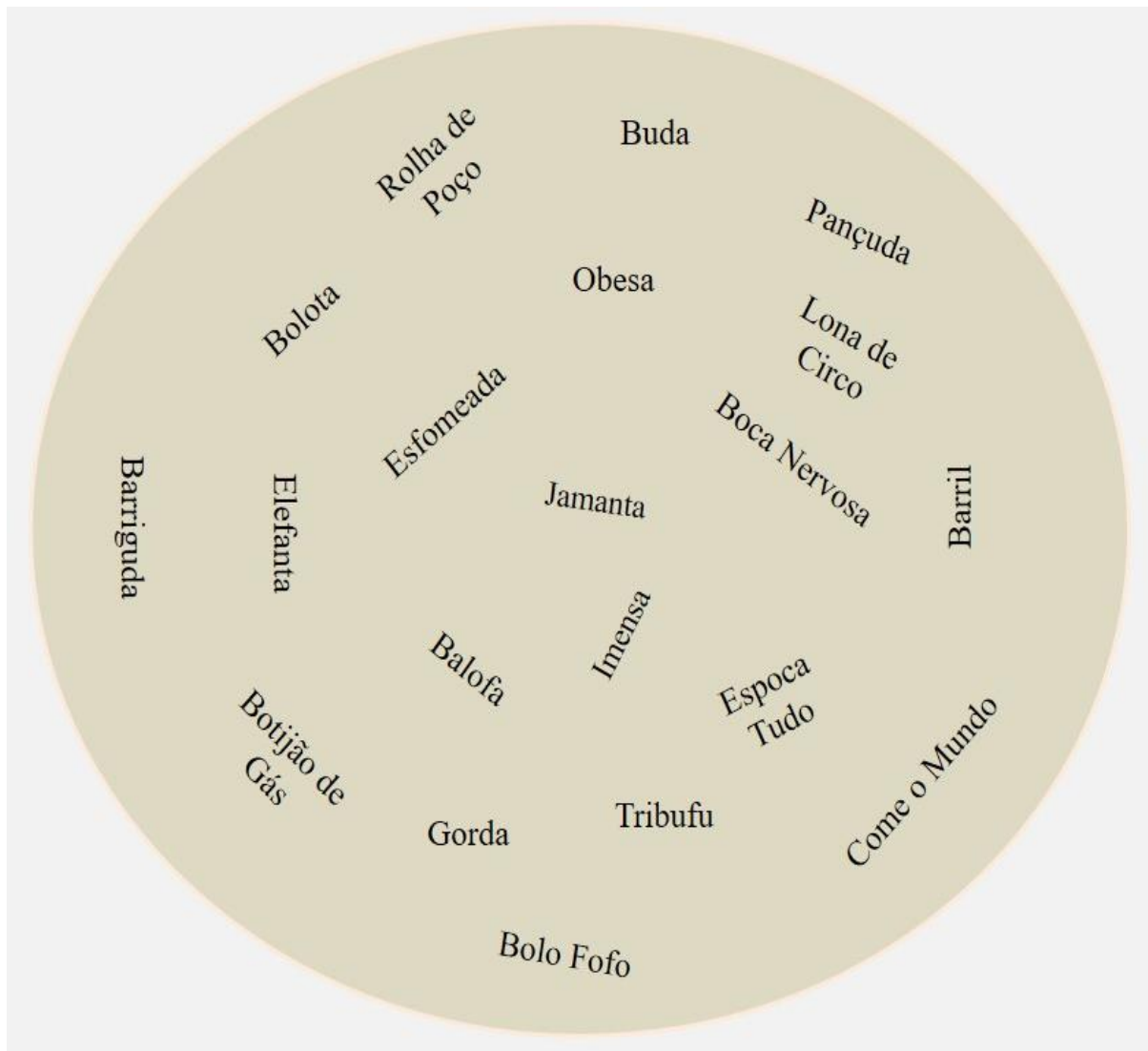
Podemos complementar que o *bullying* também está direcionado às mulheres, pois são elas um dos principais elementos de discriminação na sociedade. As mulheres, ao longo da história, foram discriminadas e colocadas à submissão do homem. Neste sentido, a existência do *bullying* com as mulheres gordas também é evidente no âmbito social. Uma frase que podemos representar bem com relação a essa discussão, é a seguinte: “Nessa menina só se salva o rosto, porque o corpo!”. No entanto, nos dias atuais as mulheres gordas vêm ganhando espaço na sociedade, não dando tanta importância aos comentários preconceituosos por estarem acima do peso. As mulheres precisam se empoderar consigo mesmas, precisam se amar como são e se aceitar com seu tamanho grande. Destacamos que temos que ser felizes como somos: gordas ou magras, com linhas corpóreas delineadas ou não.

Cremos que, com o empoderamento, as mulheres consigam minimizar todo o sofrimento do preconceito, seja pela prática do *Bullying*, seja pela prática da Gordofobia, superando os traumas psicológicos que elas vivenciam em seu cotidiano. Similar ao que fizemos no tópico anterior, concluiremos essa discussão com uma figura (Figura 2) que expressa as principais palavras que se vinculam à prática da “Gordofobia” e, de certa forma, ao *Bullying*.

Esclarecemos que apesar de relacionarmos, neste tópico, a discussão sobre Gordofobia ao *Bullying*, vemos que esses termos se aproximam, mas também têm suas diferenças. O

Bullying, de acordo com o que abordamos, refere-se a toda forma de preconceito contra o sujeito, o qual se faz de forma intensiva e repetitiva. Já a Gordofobia é o preconceito ou a aversão a pessoas gordas (NERY, 2017).

Figura 2 – Termos Utilizados na Prática da “Gordofobia”



Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

Acreditamos que algumas expressões existentes na Figura 2 são fortes para leitura, porém, destacamos que elas se encontram vivas e se materializam no cotidiano de pessoas que estão sobrepeso. A realidade é complexa e exige que lutemos contra o preconceito acerca das pessoas gordas.

Por fim, dizemos que a Gordofobia, por ser o preconceito ou a aversão aos sujeitos que estão acima do peso, precisa ser melhor discutida na Educação e na sociedade. Para a

convivência harmônica no mundo é fundamental o respeito ao outro, o que inclui o respeito e a tolerância às suas características físicas, psíquicas, entre outras.

2.3 “Gordofobia” no Ensino Superior

Por nossa pesquisa ser desenvolvida com sujeitos na Educação Superior, neste tópico discutiremos acerca do acesso e da permanência dos/as discentes sobrepeso no Ensino Superior trazendo apontamentos a partir de resultados do estudo de Guerra *et al.* (2016). No mesmo caminho, teceremos algumas reflexões acerca de nossa vivência (a autora da pesquisa) com a “gordofobia” no processo de formação docente na Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da UFERSA.

Guerra *et al.* (2016), realizaram uma pesquisa em uma Instituição de Ensino Superior localizada no Estado de São Paulo, com o valor de 888 alunos, visando conhecer a prevalência dos/as discentes sobrepeso e/ou com obesidade no espaço investigado. A prevalência de discentes sobrepeso e/ou com obesidade é perceptível, dado que 29% (sobrepeso) e 14% (com obesidade) do número de pesquisados registraram essas características. A distribuição dos resultados por gênero mostra que os homens se encontram em maior proporção tanto na questão do sobrepeso, quanto na questão da obesidade. Em detalhes, os resultados evidenciam os seguintes percentuais: homens sobrepeso 38%, e obesos 17%.

Em relação a outras informações, os autores pautam que 84% dos pesquisados são sedentários, 5% não realizam dietas ricas em gorduras e açúcares, 23% desconhecem as doenças associadas à obesidade e 72% gostariam de participar de um programa de promoção à saúde. Com esses resultados, os autores elucidam que a maioria dos discentes entrevistados não pratica exercícios físicos, porém, tem o desejo de participar de programas de promoção à saúde. Além desses aspectos, o estudo apontou que a maior parte dos discentes (pesquisados) da universidade fica impossibilitada de ter uma alimentação saudável, devido a questão da rotina na academia, a qual necessita a permanência contínua dos/as estudantes no espaço universitário.

Entendemos também, a partir do estudo dos autores, que a questão do sobrepeso e da obesidade é devido aos/as discentes não conseguirem ter uma alimentação saudável, ficando propensos a quaisquer tipos de alimentação em seu cotidiano. Dessa forma, muitos preferem (ou são condicionados) estudar e concluir o Ensino Superior do que destinar um pouco de tempo para a prática de atividades físicas. Validamos ainda que, nesse sentido, não há, na

nossa interpretação, muita preocupação com os padrões acerca do corpo, os quais são impostos pela sociedade.

Outra questão relevante nessa discussão diz respeito ao estilo de vida dos/as entrevistados/as. Na pesquisa, vimos que a maior parte é sedentária, isto é, não pratica atividades físicas, o que contribui para o sobrepeso e a obesidade. Pensamos que, de alguma forma, é tarefa das instituições escolares, sejam elas de Educação Básica ou de Educação Superior, motivar e desenvolver ações que ajudem a construção de hábitos saudáveis de vida em seu alunado. Isso envolve também inserir nos espaços alimentícios da instituição uma cultura que promova uma melhor alimentação. No tocante à “Gordofobia”, entendemos que é preciso se debater mais nos diferentes contextos acadêmicos.

Adentrando na nossa vivência no Ensino Superior, enfatizo que sempre fui uma pessoa “Gorda”. Confesso que demorei um certo tempo para me aceitar. Em agosto de 2014, ingressei na Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA⁴, *Campus Mossoró* – RN, no Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo.

Em referência a minha vivência com a “Gordofobia” no Ensino Superior, pontifico que ela inicia desde a minha ida (percurso) à Universidade. Ao entrar no ônibus que leva os/as discentes à instituição, sempre fui motivo para que as pessoas se incomodassem acerca do lugar em que eu tinha que sentar. Rotineiramente ouvi frases: “vá no banco da frente que é preferencial, e está incluso a pessoas acima do peso”.

Lembro bem, em um certo dia, vindo para casa que o pneu do ônibus estourou e fui motivo de falas como: “o pneu estourou, devido ao peso de Ana Paula. É justamente o lado em que ela senta”. No processo de formação, vivenciei constantemente esses aspectos, devido estar acima do peso. Muitos não sabem o verdadeiro significado de machucar as pessoas com palavras grossas e ofensivas, mas confesso que sempre rebati a essas pessoas que me discriminam e comentem o preconceito.

Durante o percurso de formação na Universidade, relato que minha permanência chegou a incomodar, por diversas vezes, alguns colegas de sala de aula. Enfatizo que, com frequência, presenciei as seguintes falas: “Ana Paula, você é tão linda, mas por que não entra na academia?”, “faça um regime!”. De toda forma, na maioria das vezes rebati: “sou feliz desse jeito”. Tais questões sempre foram motivos para eu me amar mais, me aceitar mais e ser feliz como sou. Considero que são/foram essas formas de discriminações e preconceito que fortaleceram e me deram resistência para continuar estudando.

⁴ Por apresentar, neste momento, parte da experiência de formação acadêmica da autora, os escritos seguirão na primeira pessoa do singular, aspecto que não ocorrerá em outro instante do texto.

Conforme narrei, vivenciei o preconceito da “Gordofobia” em momentos de aula, espaço que deveria ser um ambiente para a promoção do diálogo e do respeito ao outro. Ao longo de minha formação experienciei expressões pejorativas que, em termos de linguagem, me diminuía. Lembro de outras: “Essa roupa não está combinando com seu corpo”. Recordo de uma vez em que, no meio da aula, fui motivo para brincadeira por estar sobrepeso.

Saliento que apesar do preconceito vivido por alguns colegas, durante todo o meu percurso na Universidade busquei respeitar a todos/as, independentemente de suas características físicas, sociais, culturais, entre outras. Penso que o respeito ao outro é o que nos faz ser sujeitos diferenciados no mundo.

Com relação aos/as diferentes docentes, com os/as quais vivi o ensino na universidade, declaro que eles/as sempre me respeitaram. No que toca a minha relação com os demais sujeitos da instituição, o que inclui os/as trabalhadores/as que realizam a limpeza da instituição, os/as alunos/as de outros cursos, entre outros, também não experienciei a “gordofobia”. Mesmo em ambientes, tais como o Restaurante Universitário e o Centro de Convivência, que circulam o número expressivo de sujeitos, nunca vivi situações preconceituosas. A “gordofobia”, tal como relatei, se fez em momentos com colegas no Curso e também com colegas que compartilham comigo o percurso à universidade no transporte escolar.

Penso que temos o dever de respeitar e ter sensibilidade com o outro. Considero que a tensão psicológica, social, simbólica e cultural é grande referente às pessoas acima do peso. Temos que cuidar da nossa saúde mental, pois confesso que não é fácil viver em uma sociedade preconceituosa, a qual te olha dos pés à cabeça. Muitos esquecem o verdadeiro significado de aceitar e de respeitar as pessoas como elas são. O importante é que as pessoas estejam bem e felizes com o seu corpo, bem ainda com a sua maneira própria de viver.

Finalizo este tópico destacando ainda que o importante é que nos respeitemos, em especial, as nossas diferenças. Sabemos que é difícil, mas não é impossível. Reafirmo que o respeito ao outro é a base para a convivência pacífica na terra.

Por último, reforço a necessidade de se discutir sobre a “gordofobia” na Educação. O preconceito que as pessoas sobrepeso vivem é frequente. Ele se desenvolve de muitas maneiras. Ele está em diferentes locais e se faz sob diferentes práticas. Muitas vezes nos enganamos quando pensamos que determinadas expressões ou palavras não ferem ao nosso próximo. Nos enganamos quando sobrelevamos características físicas e minimizamos qualidades de nossa personalidade. Dessa maneira, vejo a demanda de promover espaços e debates acerca do tema. No ensino superior tais debates podem se realizar por meio de ações

de extensão ou mesmo na prática do/a professor/a universitário/a. A universidade é um local de produção de saberes. É nela onde se desenvolve um espírito crítico e nos qualificamos profissionalmente. O debate a respeito da “gordofobia” acrescentará na educação/formação que a mesma constrói.

Como estudante da Educação Superior que presenciou situações em que a “gordofobia” esteve presente, considero que o debate acerca do tema é relevante também porque conscientiza os sujeitos que a praticam e ajuda aos/às discentes a superar quaisquer traumas oriundos do preconceito de estar sobrepeso.

3 METODOLOGIA

A pesquisa em Ciências Humanas requer do investigador uma posição crítica, sensível e atenta ao fenômeno que investiga. Neste estudo, lembramos que temos como objetivo geral “pensar sobre como discentes da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido vivenciam a “gordofobia” no Ensino Superior”. Dessa maneira, por entendermos a necessidade de adentrar nos aspectos de natureza subjetiva, em especial, nos sentidos e nos significados que permeiam a dimensão subjetiva humana, nos referenciamos (nesta investigação) na abordagem qualitativa.

Segundo Minayo (2007), a abordagem qualitativa de pesquisa nas Ciências Humanas permite ao pesquisador interpretar, de maneira detalhada, o universo de significado que faz parte da realidade social. Assim sendo, contribuiu, neste estudo, por favorecer uma leitura mais detalhada do fenômeno que investigamos.

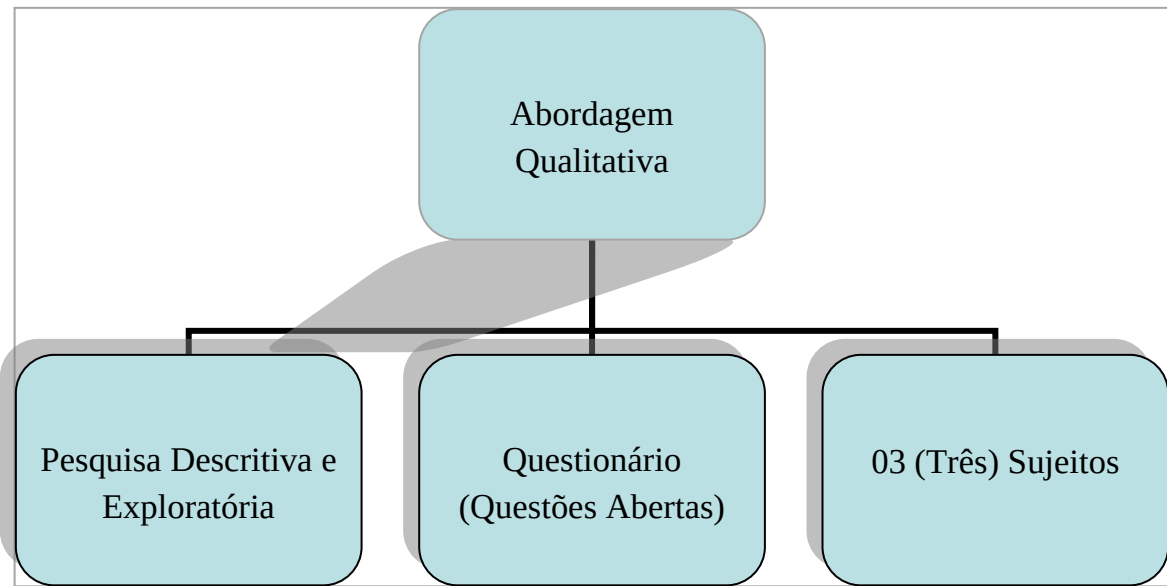
Dito isto, como sujeitos do estudo, participaram discentes do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – LEDOC/UFERSA. A opção por esses sujeitos, deu-se em consequência de nossa proximidade com o Curso, uma vez que há mais de quatro anos nos encontramos como discente da referida licenciatura. Vale dizer que não há um *lócus* específico demarcado no momento em que realizamos a pesquisa, uma vez que a investigação não permeou pelos espaços físicos da instituição. O objeto de atenção condiz com as percepções dos sujeitos da pesquisa.

Em termos de quantidade, participaram três discentes, posto que, por ser um estudo qualitativo não nos prendemos a valores numéricos na pesquisa. Do ponto de vista do tipo de investigação, ressaltamos que classificamos o estudo como descritivo e exploratório. As pesquisas descritivas e exploratórias, conforme Gil (2002), intentam a descrição e a exploração de fatos, de fenômenos sociais, entre outros elementos. Elas não se prendem a quantificação. Sua intenção é a interpretação da realidade com base em procedimentos e recursos (instrumentos) que percorram pelo contexto investigado.

Como técnica de coleta de dados, fizemos uso do Questionário (APÊNDICE B). Sua composição se materializou a partir de um conjunto de 10 (dez) questões abertas. Apesar do questionário ser comum aos estudos quantitativos, acreditamos que, nesta pesquisa, respondeu nossas intenções.

Na Figura 3, resumimos os elementos que compuseram nossa metodologia na construção da presente pesquisa.

Figura 3 - Elementos Metodológicos do Estudo



Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

Apesar de já termos destacado os componentes da metodologia do presente estudo, nos próximos tópicos, deste capítulo, detalharemos teoricamente como esses elementos se associaram à pesquisa. Também nos esforçamos para descrever o passo a passo da investigação. Tal descrição se apresentará ao longo de cada tópico capitular. Não delongando a discussão, mas sendo fiéis ao que realizamos no estudo, esclarecemos que contamos, além dos elementos descritos anteriormente, com a experiência estudantil e de vida da pesquisadora. Conforme relatamos, nos consideramos sobrepeso e isso, no nosso entendimento, não pode ser ignorado na pesquisa.

Por desenvolvermos a investigação no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, pensamos que não estamos isentos do que somos, cultural e existencialmente. Com esse entendimento, afirmamos que nossa trajetória somou para a interpretação do estudo e na construção (total) desta investigação.

3.1 Abordagem Qualitativa

De acordo com Medeiros, Varela e Nunes (2017), a abordagem qualitativa se configura em uma investigação pelo fato dos pesquisadores enfocarem nos sujeitos investigados, em especial, nos sentidos e nos significados que eles possuem sobre um determinado fenômeno. Para os referidos autores, esta abordagem de pesquisa é, na maioria das vezes, de natureza interpretativista.

Na abordagem qualitativa, a interpretação é uma dimensão central desde o momento que se pretende coletar os dados ao instante final da elaboração do relatório de pesquisa. Em outras palavras, a interpretação é uma dimensão que envolve todo o processo de construção da pesquisa (MEDEIROS; VARELA; NUNES, 2017).

Segundo Medeiros, Varela e Nunes (2017), os caminhos trilhados com a abordagem qualitativa parte do particular para o geral, neste sentido, é, em parte, uma indução. Dizem os/as autores/as que, com esse tipo de abordagem, não se almeja testar hipóteses, afinal elas são elaboradas no decorrer da investigação.

Os/as autores/as também dizem que a abordagem qualitativa não se limita ao excesso de informações coletadas. Ela visa adentrar nos significados e nos sentidos existentes em uma realidade. Tais significados e sentidos estão presentes, em casos, nas experiências de vida dos sujeitos pesquisados.

Para esta pesquisa, vemos que as experiências estudantis no Ensino Superior dos discentes, participantes do estudo, do Curso LEDOC/UFERSA, foram fundamentais na concretização dos objetivos que traçamos para o referido estudo. Posto isso, vemos que com essa abordagem de pesquisa nos aproximamos, com mais detalhes, do objeto de investigação que definimos conhecer (e também interpretar).

Validamos que com a escolha da abordagem qualitativa para a presente pesquisa, não estamos desmerecendo e descreditando outras abordagens de investigação nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, tais como a abordagem quantitativa e a abordagem mista (quali-quantitativa). O que destacamos é que, neste estudo, a abordagem qualitativa atende melhor a nossas intenções de pesquisa, visto que possibilitou adentrarmos, com mais detalhes, no âmbito interpretativo dos sujeitos pesquisados.

3.2 Tipo de Pesquisa – Exploratória e Descritiva

Iniciando esse tópico referente ao tipo de pesquisa, questionamos: o que é pesquisa? Por que fazemos pesquisas? Como podemos classificar a pesquisa exploratória e descritiva? Para melhor compreensão sobre o assunto referente a essas questões, podemos nos ancorar em Gil (2002).

De acordo com Gil (2002), toda pesquisa em Ciências Humanas e Sociais tem como objetivo principal buscar respostas de problemas que estão postos socialmente, tendo, para isso, o desenvolvimento e a utilização sistemática e racional de métodos, de técnicas de coleta de dados, entre outros procedimentos científicos. Com isso, a produção de uma pesquisa,

independente da área científica, se faz em um longo processo que envolve fases, organização e análise de dados.

Ressaltamos que, para se fazer a pesquisa, exige-se do/a pesquisador/a momentos de reflexão, de busca e de problematização sobre o que está propositado para investigação, requerendo todo um planejamento para que o estudo obtenha resultados significativos referentes ao objeto pesquisado.

Gil (2002), nessa linha de raciocínio, classifica a pesquisa científica em dois grandes grupos: as de razão de ordem intelectual e as de razão de ordem prática. A primeira se fundamenta na dimensão intelectual, isto é, o conhecimento existente em uma área mostra sinais de incompletude, requerendo novas investigações; a segunda, de razão prática, decorre do desejo de conhecer e fazer algo de maneira prática recorrendo ao estudo da realidade.

Neste trabalho, classificamos a pesquisa como exploratória e descritiva, ela é um estudo que se tange pela razão prática, porém, também recorremos a razão intelectual, isto é, ao referencial bibliográfico para subsidiar nosso entendimento sobre o que investigamos. Prova dessa afirmação está no entendimento de que, para realizarmos a pesquisa exploratória, foi preciso o levantamento e debruçamento no referencial bibliográfico, em diálogo com os sujeitos envolvidos e com suas experiências referente ao tema pesquisado. De toda forma, a pesquisa exploratória é uma pesquisa que, na maioria das vezes, se faz de modo flexível, recorrendo a diferentes instrumentos e ferramentas para a construção do que se investiga, tal como fizemos (recorremos aos sujeitos pesquisados, à revisão de literatura e também a nossa experiência de vida como alguém que se considera sobrepeso).

Já em relação à pesquisa descritiva, podemos classificá-la como uma investigação que objetiva descrever, em detalhes, uma dada realidade. Quase sempre é um estudo que se apoia na abordagem qualitativa. Para a realização da pesquisa descritiva precisamos determinar um grupo, assim como fizemos neste estudo, para que o mesmo seja investigado, de acordo com suas especificidades.

Segundo Gil (2002), a pesquisa descritiva e exploratória andam juntas, pois os/as pesquisadores/as sociais estão preocupados com a exploração do mundo real (a prática) e com sua descrição. No nosso estudo, a prática e a dimensão intelectual (teoria) andaram lado a lado. Nos esforçamos para explorar o objeto investigado e também para descrevê-lo, por isso elegemos a pesquisa ora apresentada como do tipo descritiva e exploratória.

3.3 Questionário

Conforme discutimos em outro instante, como técnica de coleta de dados da pesquisa, fizemos uso do questionário (APÊNDICE B). Para Bogdan e Biklen (1994), o questionário deve ser utilizado em investigações que não carecem de um contato mais intenso com os sujeitos pesquisados. Na maior parte das pesquisas, ele é aceito como dispositivo de coleta de dados nos estudos quantitativos.

No entanto, segundo os/as autores/as, não podemos delimitar seu uso apenas em investigações que trabalham com um número considerado de sujeitos. Tudo depende de como vamos organizá-lo. O questionário que projetamos para este estudo é constituído de 10 (dez) questões abertas, ou seja, questões que permitem aos participantes do estudo se expressarem de forma mais espontânea e também detalhada.

Como destacamos três objetivos específicos para a pesquisa, centramos, para cada objetivo específico, o número de três questões. Fizemos um quadro com as questões e suas intenções para cada objetivo específico proposto à investigação. Vejamos:

Quadro 1 – Projeção do Questionário e sua relação com os Objetivos do Estudo

ORGANIZAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	
Objetivo Geral do Estudo	
Pensar sobre como os discentes da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido vivenciam a “gordofobia” no Ensino Superior	
Objetivos Específicos do Estudo	Questões que visam atingi-los
Identificar vivências que denotam o preconceito acerca de pessoas sobrepeso por discentes da LEDOC/UFERSA no Ensino Superior	- O(a) senhor(a) se considera sobrepeso? Se sim, já vivenciou alguma experiência de preconceito por estar sobrepeso no Ensino Superior? Descreva, se possível, uma experiência; - Em caso de já ter vivenciado o preconceito por estar sobrepeso, em quais espaços de Ensino Superior considera que mais se efetua o preconceito com pessoas sobrepeso? Exemplifique sua resposta (na sala de aula, no restaurante universitário, no centro de convivência, nos corredores da instituição, entre outros espaços de convivência); - O(a) Senhor(a) considera que no Curso LEDOC/UFERSA há discentes (colegas de Curso) que exercem o preconceito a pessoas sobrepeso? Se sim, de que forma?
Elucidar como os discentes da LEDOC/UFERSA	Qual sua reação quando vivenciou, no

resistem à “gordofobia” no Ensino Superior	Ensino Superior, práticas que denotam o preconceito por estar sobrepeso? 2. Em caso de vivenciar no Ensino Superior práticas que denotam o preconceito por estar sobrepeso, de que forma o(a) senhor(a) resiste a elas? (Pode citar, se for o caso, a ajuda da família, de professores(as), de amigos(as), de profissionais especializados, entre outros); 3. No Ensino Superior, já vivenciou alguma experiência (como exemplo de seminários, palestras, aulas no Curso LEDOC/UFERSA, entre outros) que busca conscientizar os(as) discentes sobre a prática do preconceito com pessoas sobrepeso? Se sim, descreva uma experiência.
Refletir, a partir de percepções de discentes da LEDOC/UFERSA, se a “gordofobia” influencia no percurso estudantil no Ensino Superior	1. O(a) senhor(a) considera que o preconceito vivido por estar sobrepeso influencia no seu percurso estudantil no Ensino Superior? Em caso afirmativo, cite de que forma? 2. Com base em sua experiência, quais implicações o preconceito por estar sobrepeso trouxe para sua aprendizagem no Ensino Superior? 3. O(a) senhor(a) considera que o Ensino Superior, de modo geral, contribui para sua formação crítica e o ajuda a superar o preconceito vivido por estar sobrepeso? Se sim, como?
Questão Extra Apresente sugestões acerca de como o Ensino Superior (no caso, a Universidade) pode ajudar a superar o preconceito a pessoas sobrepeso. Fonte: Elaborado pela autora, 2019.	

De acordo com o Quadro 1, para cada objetivo específico da pesquisa, organizamos o número de 03 (três) questões abertas que visam atingi-lo. Há uma questão (questão extra) que elaboramos como modo de destacar possíveis sugestões, a partir do que dizem os sujeitos pesquisados, de como o Ensino Superior, no caso representado pela UFERSA, pode ajudar aos/às estudantes sobrepeso.

Lembramos que a aplicação do questionário aconteceu no período de 24 de junho de 2019 a 05 de julho de 2019. Antes da aplicação do questionário, contatamos os sujeitos da pesquisa e agendamos o dia possível, seguindo sua disponibilidade de tempo para resposta das questões. Nos encontros, antes de entregarmos o questionário, fizemos a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICE A), bem como recolhemos a

assinatura das participantes do estudo. Após esse procedimento, continuamos a leitura de cada questão, as quais foram respondidas pelos sujeitos investigados. Não interferimos nas declarações dos mesmos.

Registramos que no questionário também há um pequeno cabeçalho com questões que visam conhecer aspectos pessoais dos sujeitos. Essas questões nos permitem entender quem são e o que fazem, a nível pessoal e profissional (se for o caso), e o período de ingresso na LEDOC/UFERSA, bem ainda sua condição atual de estudante (período que cursa no momento⁵).

3.4 Sujeitos da Pesquisa

Deste estudo participaram, de acordo com o que registramos em outro momento, três discentes do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – LEDOC, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA. Como forma de delimitar o universo de sujeitos da pesquisa, definimos dois critérios para sua inclusão na pesquisa: o primeiro foi ter disponibilidade para responder ao questionário e o segundo foi se considerar sobrepeso.

Na pesquisa de Medeiros (2019), se diz que o Curso LEDOC/UFERSA possui o quantitativo de 257 discentes matriculados/as no ano de 2018. O número de três discentes é pequeno se comparado ao valor registrado pelo autor. No entanto, por termos a abordagem qualitativa de pesquisa, entendemos que os três sujeitos representam os demais estudantes do Curso (nos referimos aos discentes sobrepeso). Também destacamos que, por buscarmos os discentes sobrepeso, a pesquisa, de certa forma, ficou delimitada.

Dessa maneira, em virtude de nossa experiência como discente do Curso, o contato com os sujeitos do estudo foi mais fácil. Após desenvolvermos uma pequena sondagem de possíveis discentes com os critérios elencados, contatamos os sujeitos do estudo. Nesse sentido, aceitaram a participação na investigação três discentes do sexo feminino. Elas possuem idade entre 20 e 36 anos.

Em relação aos lugares em que residem, salientamos que duas vivem na zona urbana, mais precisamente nos municípios de Mossoró – RN e Upanema – RN, e a terceira participante reside na área rural do município de Serra do Mel – RN. Visando zelar pelos procedimentos éticos da pesquisa e seguindo o que consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, não divulgaremos as identidades das participantes da investigação.

⁵ Das informações que consta no cabeçalho, utilizaremos neste texto somente as que forem necessárias para compreensões ao/à leitor/a.

Elas serão apresentadas, a partir de então, com as denominações **Discente “A”**, **Discente “B”** e **Discente “C”**.

4 “GORDOFOBIA” NO ENSINO SUPERIOR SOB A ÓPTICA DE DISCENTES DA LEDOC/UFERSA

Este capítulo tem como intenção maior apresentar considerações acerca dos resultados que construímos a partir da pesquisa realizada com o tema “Gordofobia” no Ensino Superior. Nesse sentido, o que obtivemos na coleta de dados com o questionário, composto por um conjunto de questões abertas, será explanado nos três tópicos que compõem o referido capítulo.

Cada tópico capitular se reportará a um objetivo específico da investigação. Salientamos que as declarações das participantes do estudo atestadas no questionário foram fielmente abordadas no texto. Suas percepções nos fundamentam para compreensões referentes à “Gordofobia” no Ensino Superior. Assim, esperamos concretizar, textualmente, nossas intenções investigativas.

4.1 Vivências Estudantis acerca da “Gordofobia” no Ensino Superior – “A experiência que sempre vivencio são olhares diferenciados e os cochichos desagradáveis”⁶

Conforme dizemos, neste tópico nos reportaremos ao primeiro objetivo específico da pesquisa, qual seja: identificar vivências que denotam o preconceito acerca de pessoas sobrepeso por discentes da LEDOC/UFERSA no Ensino Superior. Para concretizá-lo, selecionamos três questões abertas as quais foram respondidas pelas participantes da pesquisa.

A primeira questão foi formulada com base em duas dimensões: questionou se as participantes da pesquisa se consideram sobrepeso e, conseqüentemente, indagou se elas vivenciaram experiências de preconceito por estarem sobrepeso no Ensino Superior. Vejamos o que registraram as estudantes que contribuíram com a pesquisa:

Ainda sim! Mesmo tendo me submetido a uma cirurgia bariátrica e tendo perdido 63 quilos ainda estou com o IMC [Índice de Massa Corporal] acima do normal. A experiência que sempre vivencio são olhares diferenciados e os cochichos desagradáveis (Discente “A”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Sim, sim, as vezes de forma indireta, sutil, como também direta, o que não deixa de ser uma forma de expressar o preconceito, a não aceitação de um corpo que não segue o padrão. Tipo: “ah, ela aguenta um ‘murro’ porque ela é gorda”. “Você é bonita de rosto” (Discente “B”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

⁶ Trecho oriundo do Questionário aplicado com a Discente “A”, participante do estudo, em 2019.

Sim, nos grupos que são formados para ser feito os trabalhos na universidade, sempre fico sozinha (Discente “C”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

As três participantes do estudo se consideram sobrepeso. Quanto as experiências de preconceito por estarem acima do peso, ressaltaram, na nossa compreensão, que não se apresentam visíveis muitas vezes, mas acontecem de forma sutil. A Discente “A” informou-nos que o preconceito para com ela acontece por meio de “olhares diferenciados” e por “conversas em tom baixo” (os cochichos). A Discente “B” ressaltou-nos que, com ela, a prática da “Gordofobia” se efetiva por meio de brincadeiras ou com frases que, no entendimento de quem pratica, não soa como preconceito e a Discente “C” escreveu-nos que com a mesma, o preconceito por estar sobrepeso acontece na segregação/exclusão nas atividades que são produzidas em grupo no Curso LEDOC/UFERSA.

Conforme Nery (2017), exercer práticas gordofóbicas nem sempre acontece apenas com palavras grosseiras e diretas a quem está sobrepeso. A sutileza nas ações são meios de também produzir a “Gordofobia”. Para quem pratica o preconceito com pessoas sobrepeso, uma maneira de introduzi-lo é, justamente, a sutileza nas ações. As brincadeiras, os olhares indiferentes, os cochichos, entre outros, são mecanismos de desenvolver a “Gordofobia”. Como alguém que se considera sobrepeso, vivenciamos experiências que se aproximam das vivências das participantes do estudo. Muitas vezes, percebemos olhares estranhos pela roupa usada (o que não é aconselhável, socialmente, porque denota partes do corpo), por estarmos em um contexto onde se encontra, em maioria, pessoas magras, ou quando passamos sozinhas em um determinado local e há um grupo de sujeitos.

Em relação a segunda questão, indagamos acerca de quais espaços se efetua a prática da “Gordofobia” no Ensino Superior. Por as participantes do estudo terem afirmado que vivenciaram o preconceito por estarem sobrepeso, entendemos que a referida questão se mostrou importante à pesquisa. Elas afirmaram:

Na sala de aula principalmente, em apresentações de seminários quando ninguém quer que eu faça parte do grupo, nos espaços de convivência como lanchonete ou restaurante; todos ficam observando as quantidades de comida que comemos mesmo que não seja grande quantidade chegam até falar descaradamente nos repreendendo e nos constrangendo em público (Discente “A”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

As situações em que observei atitudes preconceituosas, foram todas em sala de aula, vindas dos próprios colegas de sala (Discente “B”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Na sala de aula, pelos colegas de classe (Discente “C”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

É interessante observarmos, nos registros das participantes do estudo, que a sala de aula é o principal espaço demarcado para a prática da Gordofobia no Ensino Superior. Não podemos, com a pesquisa, generalizar essa afirmação, porém, não devemos desconsiderar o que dizem os sujeitos da investigação quanto ao aspecto.

Segundo Libâneo (2003, p. 7), a sala de aula universitária:

[...] é um espaço de construção conjunta do conhecimento. É o lugar onde professores e alunos buscam juntos o conhecimento, estabelecem interações, diálogos, trocas. [...] A sala de aula universitária hoje não pode mais ser entendida meramente como espaço físico e um tempo determinado [...] em que o professor transmite conhecimentos aos alunos. A sala de aula é todo espaço em que os alunos podem aprender.

Pelo que constatamos nos registros das participantes da pesquisa, infelizmente, é no contexto interno da universidade, ou seja, na sala de aula universitária, que a prática da “Gordofobia” mais se efetua. Ao invés de ser um espaço, conforme Libâneo (2003), de aprendizagem e de ensino, o qual também serve de referência para a formação crítica do sujeito, vemos que em relação ao preconceito com pessoas sobrepeso, serve de apoio (muitas vezes) para a efetuação.

A última questão que elaboramos que intenta se aproximar do primeiro objetivo específico da pesquisa, se reporta ao aspecto de os/as discentes do Curso LEDOC/UFERSA exercerem ou não o preconceito a pessoas sobrepeso. Como vimos que a sala de aula é, segundo as participantes da pesquisa, o principal espaço onde se efetua a “Gordofobia” no Ensino Superior, acreditamos que discentes da LEDOC/UFERSA também contribuem para a prática “gordofóbica”. Apreendemos os seguintes registros:

Sim! Brincadeiras de mau gosto, piadas que as vezes quem faz nem percebe, mas quem está sofrendo não passa despercebido, as exclusões em alguns eventos, etc. (Discente “A”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Sim, muitas! Com expressões preconceituosas, olhares, cochichos. Certa vez uma pessoa fez questão de enfatizar na minha frente o quanto que é feio uma mulher ser gorda, aconselhando as demais que estavam presentes, para jamais serem gordas (Discente “B”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Sim. É onde eu vejo o preconceito, entre os colegas de sala, pela aparência, principalmente quando o trabalho é para ser exposto ao público (Discente “C”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

É preocupante os registros das participantes da pesquisa. De acordo com suas explanações, os/as colegas de curso, muitas vezes, são os principais sujeitos que praticam a “Gordofobia” no Ensino Superior. Entendemos que nenhuma prática de preconceito deve se

efetuar em quaisquer espaços. A Constituição Federal (BRASIL, 1988) assegura o respeito ao outro e à pluralidade de ser, o respeito a sua identidade, o que diz do respeito as suas características sociais, culturais, comportamentais e físicas, questão também pontuada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996). Dessa forma, pensamos que é fundamental um trabalho de conscientização com os/as discentes do Curso para que não desenvolvam o preconceito, sobretudo, a pessoas sobrepeso.

Lembramos que a LEDOC/UFERSA é um curso que visa a formação de professores/as. Por esse lado, ainda é maior nossa preocupação, dada a importância do/a profissional formado para a sociedade e para a Educação.

4.2 Resistência à Gordofobia no Ensino Superior – “Eu fico calada e triste”⁷

Informamos que neste tópico adentraremos na discussão sobre a resistência à “Gordofobia” na Educação Superior. Nesse sentido, nos centraremos ao segundo objetivo específico da pesquisa, qual seja: elucidar como os discentes da LEDOC/UFERSA resistem à “Gordofobia” no Ensino Superior. Para concretizarmos tal objetivo investigativo, desenvolvemos três questões abertas, as quais foram respondidas pelas participantes da pesquisa.

A primeira questão enfatiza a reação que as participantes da pesquisa têm no Ensino Superior quando vivenciaram/vivenciam práticas que denotam o preconceito por estarem sobrepeso. Vejamos as respostas das discentes que participaram da investigação:

Constrangimento, tristeza, exclusão, baixa autoestima e muitas vezes afastamento ou até isolamento (Discente “A”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Não tive reação, só fiquei um pouco triste. Mas depois eu entendi [...] (Discente “B”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Sentimento de tristeza, por serem pessoas que estão estudando para lidar com o público e serem inteligentes (Discente “C”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Como podemos perceber, as três participantes do estudo não reagem ao preconceito da “Gordofobia”, no sentido de desenvolverem táticas de lutar contra o preconceito a pessoas sobrepeso. Ao contrário, ficam caladas e tristes, sofrem constrangimentos ao ponto de se

⁷ Trecho oriundo do Questionário aplicado com a Discente “C”, participante do estudo, em 2019.

isolarem. Infelizmente, percebemos que é uma realidade preocupante na Educação, de forma geral, uma vez que consideramos ser um tema vago, no sentido da necessidade de ações concretas que ajudem a vencer o preconceito.

Em relação ao que disseram as discentes, interpretamos, de maneira detalhada, que a Discente “A” destacou que não reage ao preconceito quando experienciado. O constrangimento, o isolamento e a sua exclusão, em momentos, se efetua com a prática da “Gordofobia”. A Discente “B”, similar ao registro anterior, relatou que também se sente inibida, ficando triste com a prática gordofóbica vivida. A Discente “C”, por conseguinte, percebe que, por se tratar de futuros educadores, não deveria existir tal prática no contexto de sua formação, já que ela é discente de um curso de licenciatura, o qual objetiva, sobretudo, formar professores/as para atuarem contra a desigualdade e a exclusão social.

De acordo com Nery (2017), as pessoas sobrepeso quando são vítimas do preconceito começam a se sentir erradas e fora dos padrões. Em consequência, acabam se isolando. O que a autora destaca, em parte, identificamos nesta pesquisa.

Entendemos, de forma geral, que as discentes não conseguem reagir/lutar sozinhas contra o preconceito no Ensino Superior. Nas falas das participantes da investigação, podemos perceber que elas se calam, isto é, silenciam ao preconceito. Dessa maneira, não há reação na busca de lutar contra tal prática, mas sim a perpetuação da exclusão e da desigualdade social e também educacional, já que impede (a Gordofobia) delas exercerem suas diferenças no espaço em que estudam.

Em sequência às questões, indagamos a respeito de como as discentes resistem à “Gordofobia”, ou seja, se sozinhas ou por meio da ajuda de outros sujeitos, tais como da família, de profissionais especializados, entre outros, para superarem as práticas gordofóbicas vividas no Ensino Superior. Atentemos às respostas das participantes do estudo.

Levanto a cabeça respirando fundo e seguindo em frente, mostrando que sou mais eu. Amigos, que sempre me dão uma palavra amiga quando mais precisamos, nos dando as mãos, aquele abraço e também com profissionais como psiquiatra e psicólogo [...] (Discente “A”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Em primeiro lugar, eu me aceito! Desde que entendi isso, me sinto livre da obrigação de ter que agradar ou fazer a vontade de outros. Eu me aceito, sou feliz comigo mesma, e demonstrando isso eu resisto e insisto, que não tô nem aí para ‘Padrões’. (Discente “B”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Eu fico calada e triste (Discente “C”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Analisando as respostas das participantes da pesquisa, podemos perceber que as discentes “A” e “B” resistem ao preconceito por estarem sobrepeso se aceitando como são, se afirmando sujeitos sobrepeso. No entanto, notificaram que recebem o apoio de amigos (Discente “A”) e a ajuda de profissionais especializados (Discente “B”). Tal realidade, infelizmente, não se efetua com a discente “C”. Ela informou, vagamente, que “fica calada e triste”, situação preocupante, pois denota nenhuma resistência à prática da “Gordofobia”.

Em Brasil (2018), se registra, por meio de uma entrevista com uma psicóloga, a importância do apoio (e da ajuda) de profissionais especializados para auxiliar às pessoas que sofrem a “Gordofobia”. No documento se pontifica: “a pessoa precisa expressar seus sofrimentos. Ficar escondendo de si mesma o problema e se isolar é ainda mais prejudicial, pois fica nutrindo esse sentimento ao invés de enfrenta-lo” (BRASIL, 2018, p. 9).

Ressalvamos que a “Gordofobia” é um tema de suma importância na área de Educação. Contudo, pensamos que a discussão a respeito da mesma não é enfatizada no ensino, quer no âmbito da Educação Básica, quer no contexto da Educação Superior. Como discente que se considera sobrepeso, afirmamos que durante minha trajetória de quase cinco anos no Ensino Superior, o referido tema nunca foi abordado como conteúdo curricular. Daí a relevância de repensá-lo no contexto do currículo oficial dos cursos de graduação na Educação Superior.

Finalizando com a terceira questão que elaboramos referente ao segundo objetivo específico da pesquisa, a qual se encaminhou para experiências vividas no Ensino Superior que ajudam a conscientizar os/as estudantes sobre a prática do preconceito com pessoas sobrepeso, as discentes depuseram:

Não! Mas que já deveria ser abordado esse tema (Discente “A”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Não! (Discente “B”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Não (Discente “C”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Observamos, tal como registramos com nossa experiência estudantil no Ensino Superior, que todas as participantes da pesquisa afirmaram “não”. Dessa forma, não há, segundo elas, diálogos ou ações educativas na Educação Superior (no contexto referendado) que se enderecem para a conscientização do preconceito a pessoas sobrepeso. Esse cenário é preocupante, pois vemos que essa etapa da Educação é um espaço essencial para a formação crítica do sujeito (MEDEIROS, 2019).

Defendemos, com base nas considerações apontadas neste tópico capitular, a demanda de discutir e problematizar sobre o tema na Educação Superior. Talvez, muitos/as discentes desconheçam o próprio significado do termo “Gordofobia”. Dito isto, esta pesquisa e o que dela extraímos se sobressai como importante para estudo e para novas investigações no Curso LEDOC/UFERSA.

4.3 Influência da “Gordofobia” no Percurso Estudantil no Ensino Superior – “Nos desmotiva [...] continuar”⁸

Neste tópico, finalizaremos a discussão referente ao questionário desenvolvido com as discentes, participantes do estudo. No referido tópico abordaremos três questões que estão associadas diretamente ao último objetivo específico da pesquisa, qual seja: refletir, a partir de percepções de discentes da LEDOC/UFERSA, se a “gordofobia” influencia no Ensino Superior; e também uma questão que intenta apresentar, com fundamento nas percepções das participantes da pesquisa, sugestões acerca de como o Ensino Superior (no caso, a Universidade) pode ajudar a superar o preconceito a pessoas sobrepeso.

No que toca a primeira pergunta, questionamos se as discentes consideram que o preconceito vivido por estarem sobrepeso influencia no seu percurso estudantil no Ensino Superior. Elas escreveram:

Sim! Muitas vezes nos desmotiva até a continuar no ensino superior, a dificuldade a nos enturmar com as colegas de Curso, até mesmo a aproximação com os docentes [...] (Discente “A”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Em algum momento, sim! Hoje não, pois aquela sensação de que as pessoas estão te olhando, te julgando e censurando por conta de sua aparência, te torna introvertida, insegura, isolada, a ponto de criar barreira que te trava (Discente “B”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Sim, muitas vezes dá vontade de desistir. Não por vergonha do meu corpo, porque eu me acho linda, mas por tristeza das colegas serem tão preconceituosas (Discente “C”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Percebemos, com amparo no que dizem as participantes do estudo, que a “Gordofobia” influencia no percurso estudantil no Ensino Superior. Das falas das discentes, subentendemos que a desmotivação para continuar a formação, bem como a dificuldade de construção de relações interpessoais entre os/as estudantes e entre eles/as e os/as professores/as são influências negativas no percurso estudantil.

⁸ Trecho oriundo do Questionário aplicado com a Discente “A”, participante do estudo, em 2019.

Para Nery (2017), o empoderamento é o melhor mecanismo para tentar minimizar as consequências oriundas do preconceito a pessoas sobrepeso. Com o empoderamento, os sujeitos conseguem elevar sua autoestima e sobressair de situações que minimizam o outro. Dessa forma, conseguem subverter o preconceito e, em consequência, melhoram sua qualidade de vida e sua atuação com o meio social.

Na continuidade da explanação das questões, nos direcionamos para as possíveis implicações que o preconceito por estar sobrepeso trouxe para a aprendizagem das discentes no Ensino Superior. Novamente, elas registram:

Aprendi que, por mais que seja difícil conviver com o preconceito dentro ou fora da Universidade, não devemos baixar a cabeça pois todos temos defeitos mesmo que não sejam expostos e temos que nos adaptar e conviver com eles no dia a dia e se cair, levantar, bater a poeira e dar a volta por cima. Nada melhor que um dia após o outro (Discente “A”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Em relação à socialização e segurança de se posicionar em público, por exemplo, que acabou acontecendo de forma frágil (Discente “B”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Aprendi que muito ‘embora’ as pessoas sejam ‘inteligentes’ e estejam buscando uma formação, elas continuam ‘ignorantes’ (Discente “C”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Com essa segunda questão, vemos, a partir do que informaram as participantes do estudo, que o preconceito por estar sobrepeso trouxe implicações negativas (Discente “B”) e reflexivas à aprendizagem das discentes (Discentes “A” e “C”). A Discente “B” aufere que o preconceito por estar sobrepeso interferiu em sua socialização em momentos no Curso LEDOC/UFERSA, principalmente, ocasionando a falta de segurança para falar em público. As discentes “A” e “C”, em outra linha, destacam, na nossa interpretação, que a “Gordofobia” no Ensino Superior permitiu que elas refletissem sobre o ser humano (sua ignorância – Discente “C”) e a superação em problemas da vida (Discente “A”).

A terceira questão, por vez, atentou para as contribuições que o Ensino Superior apresenta para a formação crítica das participantes do estudo, as quais ajudam a superar a “Gordofobia”. Seus registros nos possibilitam refletir:

Sim, somos seres em formação. Tudo que aprendemos nos servirá como aprendizado e poderemos repassar para outras pessoas. Essas pessoas serão privilegiadas, pois terão a ajuda e o apoio de pessoas que já passaram pelo preconceito e nada melhor que receber ajuda de quem já vivenciou o problema, sentiu na pele para ajudar quem está passando (Discente “A”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Com certeza! Pois nos possibilita diferentes leituras sobre certas situações que nos são impostas. É possível ver a realidade de outra forma, em relação ao que é

cultural, biológico, natural, social (Discente “B”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Poderia contribuir mais se houvessem palestras relacionadas ao assunto, ou se os docentes falassem sobre esse tipo de preconceito, que é o único que eu não ouço nas aulas (Discente “C”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

A penúltima questão, segundo explicamos, nos conduz ao entendimento de se o Ensino Superior, de maneira geral, contribui para formação crítica do sujeito e se o ajuda a superar o preconceito vivido por estar sobrepeso. Nesse sentido, a Discente “A” realça que somos seres em formação. Assim, todo conhecimento construído na relação com o outro e o mundo favorece nossa evolução. A Discente “B” diz que, a partir da vivência no Ensino Superior, é possível compreender a realidade de outra forma, em relação “ao que é cultural, biológico, natural e social”. A Discente “C”, por último, sugere que o tema “gordofobia” tenha mais visibilidade, no âmbito dos currículos da Educação Superior.

Para Nery (2017), a temática “Gordofobia” nos dá a possibilidade de enxergar uma problemática social que atinge grande parte da população brasileira. O assunto contribui para que haja uma discussão ampla do que é o preconceito, o feminismo, o empoderamento da mulher gorda, entre outros. Tudo isso se problematizado no Ensino Superior poderá alargar o diálogo entre diferentes áreas, tais como a Educação, a Sociologia, a Psicologia e a Medicina.

A última questão que compõe o questionário se reportou a sugestões acerca de como o Ensino Superior (no caso, a Universidade) pode ajudar a superar o preconceito a pessoas sobrepeso. Organizamos, na sequência, as declarações das discentes:

Que haja um olhar, uma atenção melhor para esse tema que muito existe, mas que não são bem visto, exemplo: rodas de conversa, seminários com esse tema que tem a ser explorado e a oferecer e com certeza muitos irão quebrar o gelo e as barreiras que há, que esse tipo de preconceito seja desfeito e as exclusões deixem de existir na universidade, pois todos temos os mesmos direitos. Que haja igualdade entre todos (Discente “A”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Incluir em suas discussões essa temática, o esclarecimento e conscientização pode ajudar muito a superar certas situações (Discente “B”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Sugiro que tenha palestras relacionados ao assunto, que os professores sejam orientados a falarem, na sala de aula para que haja uma conscientização dos docentes e discentes (Discente “C”, Aluna do Curso LEDOC/UFERSA, Mossoró – RN, 2019).

Pelo que registraram as participantes do estudo, acreditamos que a inclusão da discussão sobre o tema na Educação Superior é essencial. O preconceito a pessoas sobrepeso existe. Não podemos protelar sua inserção como conteúdo nos currículos dos Cursos, em especial, nas licenciaturas. Esperemos que esta pesquisa se constitua como um importante

registro a respeito da demanda de se repensar sobre a “Gordofobia” no Ensino Superior. A pesquisa foi desenvolvida com muito zelo. Dessa maneira, objetivamos contribuir com a discussão acerca da temática como uma fonte de consulta na literatura acadêmica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou pensar sobre como os/as discentes da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido vivenciam a “gordofobia” no Ensino Superior.

Como principal consideração aludimos, segundo as participantes do estudo, que a “Gordofobia” na Educação Superior acontece de forma silenciosa, seja pelos olhares que, indiretamente, exprimem padrões sociais, seja pela exclusão de pessoas sobrepeso em pequenas ações que se efetuam no Curso LEDOC/UFERSA, a nível coletivo.

As participantes da pesquisa também elucidaram que a reação quando sofrem a “Gordofobia” é de se resguardar. Elas não desenvolvem nenhuma reação que busque denunciar ou mesmo problematizar tal aspecto. Apesar de resistirem sozinhas, cada uma ao seu modo, ficamos preocupados, uma vez que a não luta e denúncia contribui para que o preconceito se efetue cada vez mais.

Quanto às ações que a universidade desenvolve, percebemos que elas inexistem, segundo as participantes do estudo. No currículo oficial da LEDOC/UFERSA, curso que elas são discentes, há uma grande lacuna, a qual pode também somar para que o preconceito a pessoas sobrepeso continue a se imperar.

Como pessoa que vivenciou a “Gordofobia” ao longo da vida, vimos pertinente a ampliação do debate a respeito do tema. Desejamos que esta pesquisa siga esse caminho: contribuir com as investigações a respeito da “Gordofobia” quer na Educação Superior, quer na Educação Básica.

De forma geral, ainda vemos uma grande falta de atenção a respeito dessa temática na Educação. Reforçamos essa afirmativa porque, como discente em período final de formação em um curso de licenciatura, assim como as participantes do estudo, não vivenciei momentos na formação acadêmica a respeito do tema. Sabemos que há demandas, então questionamos: por que não há a promoção de debates sobre a “Gordofobia” no Ensino Superior? Ou ainda: por que na LEDOC/UFERSA essa discussão é tão delimitada? Temos ciência de que a pesquisa não deve ser generalizada, ou seja, seus resultados não devem se estender para outras realidades, porém, acreditamos que o que ilustramos ao longo do texto tem muito a somar.

Finalizamos este trabalho, com um olhar positivo e esperançoso, pois o realizamos com muito esforço. Assim, esperamos que o mesmo seja referência para outras pessoas que sofrem o preconceito (Gordofobia), por estar sobrepeso. Sua leitura, de alguma forma, contribuirá mostrando que tal como ela, há outros sujeitos que são vítimas do preconceito por estar

sobrepeso. Novamente dizemos: o preconceito há pessoas acima do peso existe em muitos lugares. Não sendo diferente na Educação.

REFERÊNCIAS

BERGER, Mirela. Felicidade é entrar em um vestido “P”: o culto ao corpo na sociedade urbana contemporânea. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 19, p. 69-90, 2010.

BETTI, Marcela Uceda. **Beleza Sem Medidas?** Corpo, Gênero e Consumo no Mercado *plus-size*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, 2014.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Resolução CNS, nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível In: < <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> Acesso em 05/05/2019.

_____. Gordofobia: o preconceito contra pessoas acima do peso. **Jornal Edição do Brasil**, Belo Horizonte, n. 1821, jun. 2018.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.º 9.394, 20 de dezembro de 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

GUERRA, Caroline Gagliardi; *et al.* Prevalência de sobrepeso e obesidade em discentes de uma instituição de ensino superior da Região Macropolitana Paulista. **Saúde em Foco**, n. 08, p. 01 – 11, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JESUS, Ádria; NASCIMENTO, Fabíola Santini Takayama. O Corpo na Sociedade do Consumo. In: IV SEMINÁRIO NACIONAL CORPO E CULTURA, 4, 2013. Goiânia – GO, **Anais...** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. O ensino de graduação na universidade - A aula universitária na perspectiva da teoria histórico-cultural. In: XI SEMANA DE PLANEJAMENTO ACADEMICO INTEGRADO DA UCG, 11, 3003. Goiânia –GO, **Anais...** Goiânia. 2003.

MEDEIROS, Emerson Augusto de; VARELA, Sarah Bezerra Luna; NUNES, João Batista Carvalho. Abordagem Qualitativa: estudo na Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (2004 – 2014). **Holos**, v. 2, p. 174-189, ago. 2017.

MEDEIROS, Emerson Augusto de. **Formação Interdisciplinar de Professores**: estudo pedagógico-curricular sobre a licenciatura em educação do campo da Universidade

Federal Rural do Semi-Árido. 662 p. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza – CE, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 26. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2007.

NERY, Joseanne de Oliveira. Gordofobia: discursos e estratégias de empoderamento de mulheres gordas ao preconceito. In: XIII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNI7, 4, 2017. Fortaleza – CE, **Anais...** Fortaleza: Centro Universitário 7 de Setembro, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.

SOUZA, Maria Oliveira de; SILVA, Franciele Marcelino da; OLIVEIRA, Valeria Maria Santana. O Corpo na Idade Média: entre representações e sexualidade. In: IV CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA, 4, 2014. Sergipe – SE, **Anais...** Sergipe: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2014.

SUASSUNA, D. *et al.* A relação Corpo-Natureza na Modernidade. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 20, n. 1, jan/abril. 2005.

APÊNDICE A –
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

Caro(a) discente,

Sou ANA PAULA PEREIRA BRITO, aluna matriculada no Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – LEDOC, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, que, sob a orientação do professor Dr. Emerson Augusto de Medeiros, realiza a pesquisa monográfica intitulada “GORDOFOBIA NO ENSINO SUPERIOR: ESTUDO COM DISCENTES DA LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO”. Tal pesquisa objetiva “pensar sobre como os discentes da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido vivenciam a “gordofobia” no Ensino Superior”.

Posto isso, o(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da referida pesquisa. Acreditamos que suas experiências e percepções sobre o tema central do estudo são muito importantes para concretizarmos a investigação. Asseguramos que, em caso de aceitar o convite, sua identidade não será apresentada em público, exceto se houver autorização sua específica para isso.

Sua participação é importante, porém, o(a) senhor(a) não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações seguintes e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Com estas informações gostaria de solicitar autorização de _____, discente da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, para participar da citada pesquisa, e que seus resultados possam ser apresentados em eventos científicos, capítulos de livros ou artigos em periódicos, desde que o(a) mesmo(a) concorde.

É necessário esclarecer que:

1. A sua aceitação/autorização deverá ser de livre e espontânea vontade;
2. Você não receberá nenhum valor financeiro para participar desta pesquisa;
3. Você não ficará exposto(a) a nenhum risco;
4. A identificação de todos os envolvidos será mantida em segredo;

5. Somente após devidamente esclarecido(a) e ter entendido o que foi explicado, deverá assinar este documento;
6. Você receberá uma via deste documento.

Em caso de dúvidas, poderá a qualquer tempo comunicar-se com a pesquisadora ANA PAULA PEREIRA BRITO, por meio do telefone (84)_____, e ou do e-mail: _____. Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros, na Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Av. Francisco Mota, n. 572, Bairro Costa e Silva, Mossoró – RN, ou pelo e-mail: emerson.medeiros@ufersa.edu.br

Muito Obrigada pela sua participação!

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO(A) OU OBRIGADO(A).

Mossoró, ____, de_____, de 2019.

Nome:	Nome: Ana Paula Pereira Brito
Assinatura do(a) discente da LEDOC/UFERSA	Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – UFERSA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS – CCSAH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCHU
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEDOC

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Nome: _____

Sexo: M () F () Estado Civil: _____ Idade: _____

Município em que reside no momento: _____ Zona: _____

Data: __/__/__ Semestre Letivo de Ingresso na LEDOC: _____

Semestre que cursa atualmente _____

QUESTÕES

- 1) O(a) senhor(a) se considera sobrepeso? Se sim, já vivenciou alguma experiência de preconceito por estar sobrepeso no Ensino Superior? Descreva, se possível, uma experiência.

- 2) Em caso de já ter vivenciado o preconceito por estar sobrepeso, em quais espaços de Ensino Superior considera que mais se efetua o preconceito com pessoas sobrepeso?

Exemplifique sua resposta (na sala de aula, no restaurante universitário, no centro de convivência, nos corredores da instituição, entre outros espaços de convivência).

- 3) O(a) Senhor(a) considera que no Curso LEDOC/UFERSA há discentes (colegas de Curso) que exercem o preconceito a pessoas sobrepeso? Se sim, de que forma?

- 4) Qual sua reação quando vivenciou, no Ensino Superior, práticas que denotam o preconceito por estar sobrepeso?

- 5) Em caso de vivenciar no Ensino Superior práticas que denotam o preconceito por estar sobrepeso, de que forma o(a) senhor(a) resiste a elas? (Pode citar, se for o caso, a ajuda da família, de professores(as), de amigos(as), de profissionais especializados, entre outros).

- 6) No Ensino Superior, já vivenciou alguma experiência (como exemplo de seminários, palestras, aulas no Curso LEDOC/UFERSA, entre outros) que busca conscientizar os(as) discentes sobre a prática do preconceito com pessoas sobrepeso? Se sim, descreva uma experiência.

- 7) O(a) senhor(a) considera que o preconceito vivido por estar sobrepeso influência no seu percurso estudantil no Ensino Superior? Em caso afirmativo, cite de que forma?

- 8) Com base em sua experiência, quais implicações o preconceito por estar sobrepeso trouxe para sua aprendizagem no Ensino Superior?

- 9) O(a) senhor(a) considera que o Ensino Superior, de modo geral, contribui para sua formação crítica e o ajuda a superar o preconceito vivido por estar sobrepeso? Se sim, como?

- 10) Apresente sugestões acerca de como o Ensino Superior (no caso, a Universidade) pode ajudar a superar o preconceito a pessoas sobrepeso.
